



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

Uma Sequência Didática para a Revolta tenentista de 1924 em Sergipe

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Profhistória), pelo mestrando Cerivaldo Pereira Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe. Orientadora: Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard

São Cristóvão 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

Orientando: CERIVALDO PEREIRA FILHO

Orientadora: PROFA. Dr^a ANDREZA CRUZ SANTOS MAYNARD

Uma Sequência Didática para a Revolta Tenentista de Sergipe em 1924

São Cristóvão

2025

Agradecimentos:

No primeiro dia de apresentação do curso do Profhistória-UFS (em março de 2023), fomos indagados pela professora Doutora Marizete Lucini a refletir: Por que você está aqui e quem você trouxe com você até aqui? Somente agora com essa etapa concluída foi que pudera confirmar o porquê de realmente ter chegado ali e as pessoas que comigo eu tinha trazido. Ou seja: os meus ancestrais, pais, bisavós, avôs e toda uma geração que lutara pela consecução de um mundo mais fraterno, mais igualitário e, que por isto sofreram toda uma gama de perseguições e injustiças de um Estado truculento e de uma sociedade feita para poucos. Continuo levando comigo os exemplos de retidão, de bondade, de resiliência, tão fartamente logrados através do exemplo desses (as) que me antecederam e, que, qual um verdadeiro mecenas ou grão, incansavelmente me municiavam com a sabedoria que a forja da experiência tinham vos proporcionado.

Queria muito também agradecer a esse competente corpo docente do Profhistória-UFS, quais alguns eu já tinha tido a satisfação de conhecer em outras diversas ocasiões (e nessa instituição que tanto nos orgulha) e, me embevecer, aspirando um pouco de seus conhecimentos, para quem sabe assim poder levar essa inspiração adiante e contagiar outras pessoas com o inefável dom do saber. Que todos e todas se sintam abraçados (as) por tudo que conseguiram aspergir em nossas consciências e tenho certeza que toda essa dedicação, solidariedade e respeito alcançarão níveis incomensuráveis, sublimando-se na aprendizagem de milhares de jovens deste imenso Brasil.

Porém, gostaria muito de grafar aqui, minha profunda gratidão e admiração pela minha orientadora, à professora doutora Andreza Cruz Santos Maynard, que, mesmo com poucos dias após dar à luz ao pequenino Ângelo (Já chegou como um personagem histórico, não sabemos se foi para influenciá-lo, mas, professor que é professor, não perde o costume de ensinar); não mediu esforços e em tempo recorde se dispôs, a me guiar nessa jornada, qual uma mãe, que segura a mão do seu filho com doçura e energia do ápice de sua experiência para conduzi-lo com esmero ao apanágio do conhecimento.

Sumário

Agradecimentos	02
Lista de Siglas	04
Resumo	05
Abstract	06
1.Introdução	07
2. O Movimento Tenentista em Sergipe	12
2.1 Os antecedentes da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe	12
2.2 A Revolta de 1924 em Sergipe	16
3. A Revolta de 1924 em Sergipe e sua relevância para o Ensino de História	28
4. A proposta de uma sequência didática para o ensino da história da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe	34
4.1. O Percurso da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe na sala de aula	34
4.2. Caderno de imagens	39
4.3. Sequência Didática	67
5.Considerações finais	76
6.Referências bibliográficas	78

Lista de Siglas

APS: Arquivo Público de Sergipe

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

BPED: Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

EUA: Estados Unidos da América

IHGSE: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

MEC: Ministério da Educação

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PNLD: Plano Nacional do Livro Didático

UNEB: Universidade Estadual de Brasília

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

RESUMO:

O ensino de História em Sergipe ainda apresenta lacunas significativas, sobretudo no que se refere à abordagem da história local na Educação Básica. Embora a BNCC e o Currículo de Sergipe estabeleçam diretrizes gerais, observa-se que muitos estudantes concluem a formação sem contato efetivo com temas fundamentais da trajetória sergipana. Essa ausência de conteúdos específicos, agravada pela flexibilidade curricular e pela falta de preparo docente em História regional, tem limitado a construção de uma consciência histórica crítica. Nesse contexto, a pesquisa proposta está centrada na análise da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe, por meio de bibliografia, bem como de fontes históricas como jornais e fotografias, a fim de promover nos estudantes o sentimento de pertencimento e a capacidade de interpretar o passado em diálogo com os desafios do presente. Fundamentado em Jörn Rüsen (1997) e dialogando com autores como Karl Marx (2008), Eric Hobsbawm (2011), Pierre Bourdieu (2013), Clifford Geertz (2013) e Peter Burke (2005), o trabalho defende a importância da consciência histórica e da interdisciplinaridade para o fortalecimento da educação histórica e para a superação das exclusões sociais no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Currículo escolar, Consciência histórica, História de Sergipe, Revolta Tenentista de 1924.

ABSTRACT:

The teaching of History in Sergipe still presents significant gaps, especially regarding the inclusion of local history in Basic Education. Although the BNCC (National Common Curricular Base) and the Sergipe Curriculum establish general guidelines, many students complete their education without effective contact with fundamental themes of the state's trajectory. This absence of specific content, reinforced by curricular flexibility and the lack of teacher training in regional history, has limited the development of critical historical consciousness. In this context, the research focuses on the analysis of the 1924 Tenentist Revolt in Sergipe, using historical sources such as newspapers and photographs to foster students' sense of belonging and their ability to interpret the past in dialogue with present challenges. Grounded in Jörn Rüsen's (1997) theoretical framework and engaging with authors such as Karl Marx (2008), Eric Hobsbawm (2011), Pierre Bourdieu (2013), Clifford Geertz (2013) and Peter Burke (2005), this study emphasizes the importance of historical consciousness and interdisciplinarity in strengthening history education and overcoming social exclusion in Brazil.

KEYWORDS: History teaching, School curriculum, Historical consciousness, Sergipe history, 1924 Tenentist Revolt.

1. Introdução:

Ao longo da minha experiência como professor de História na Educação Básica em Sergipe, tenho observado que, embora a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e o Currículo de Sergipe apresentem diretrizes para o ensino de História e de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, tanto no Novo Ensino Médio quanto nos anos finais do Ensino Fundamental, na prática ainda há uma grande lacuna na aplicação desses referenciais em sala de aula. Muitos estudantes concluem a Educação Básica sem terem estudado, ou tendo estudado muito pouco, sobre a história de Sergipe.

Essa ausência torna-se ainda mais evidente nos anos finais do Ensino Fundamental e nas três séries do Ensino Médio, especialmente quando se trata de temas sensíveis, como a escravização de africanos, afro-brasileiros (crioulos) e indígenas. Também se negligenciam aspectos centrais da história política sergipana nos séculos XIX e XX. É como se Sergipe estivesse isolado dos grandes movimentos nacionais e internacionais, como se fosse uma ilha alheia aos fatos políticos, ideológicos e insurrecionais que marcaram sua trajetória histórica (Hobsbawm, 2011, p. 186).

Em quase quatorze anos de atuação em escolas públicas, tanto da rede municipal de Aracaju quanto da rede estadual de Sergipe, constatei com estranheza essa lacuna no conhecimento dos alunos. Isso ocorre, em parte, porque o currículo permanece flexível, atribuindo ao professor a autoridade informal de decidir quais conteúdos serão ensinados, sobretudo no que diz respeito à história local.

Com o intuito de adequar o currículo estadual às normas da BNCC, o governo de Sergipe publicou, em 2022, um trabalho abrangente com diretrizes para o Ensino Médio e os anos finais do Ensino Fundamental, elaborado por um grupo diversificado de especialistas de diferentes áreas. Reconhece-se, assim, a necessidade de um currículo diferenciado, que contemple não apenas os conteúdos gerais de cada disciplina, mas também as especificidades regionais. Contudo, as orientações apresentadas mostraram-se excessivamente genéricas, sem determinar com clareza quais conteúdos devem ser abordados pelos professores de História, deixando a prática pedagógica à mercê do domínio ou do interesse de cada docente.

No fim do ano letivo de 2024, a Secretaria de Estado da Educação buscou reduzir essa lacuna e encaminhou às escolas da rede pública uma revista digital com os conteúdos a serem

trabalhados nos anos finais do Ensino Fundamental, os quais deverão ser replicados também no Ensino Médio. Para o 9º ano, a *Revista História de Sergipe* destaca, a partir da página 14, temas relacionados à República no Brasil, incluindo, por exemplo, “A Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe” (Corrêa in Anjos, 2024, p. 14).

Essas orientações revelam uma preocupação legítima em garantir que os conteúdos façam parte do repertório cultural dos estudantes. Porém, evidenciam também uma fragilidade, pois se foi necessário publicar esse material complementar, é porque as diretrizes de 2022 não estavam sendo cumpridas, justamente por serem muito genéricas. Muitos professores, por não se sentirem obrigados ou por não dominarem determinados temas, acabavam não os abordando. Ressalto que a formação acadêmica em História, em geral, não inclui disciplinas específicas sobre a história de Sergipe, que só aparecem em cursos de pós-graduação.

A partir dessa realidade, surgiu o meu objeto de pesquisa e o produto pedagógico que desenvolvi para proporcionar aos estudantes o contato com fontes históricas, como notícias de jornais e fotografias das primeiras décadas do século XX, para que possam construir suas próprias interpretações sobre a Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe. Esse movimento, protagonizado pelas camadas médias urbanas, buscava intervir contra o regime coronelista, defender melhorias na educação popular, lutar pelo voto secreto, pela descentralização do poder e pela democratização do país.

Entretanto, ao analisarmos a *Revista História de Sergipe*, que dispõe de apenas 24 páginas para orientar os conteúdos de todas as séries do Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos), percebemos que o material traz mais “objetos de conhecimento” do que conteúdos propriamente ditos. Cabe, portanto, ao professor pesquisar, coletar dados e estimular os alunos a fazerem o mesmo. Isso reforça a necessidade de uma postura ativa e investigativa por parte do docente, algo que sempre busquei adotar em minha prática, influenciado por professores que hoje reencontro no corpo docente do ProfHistória/UFS.

Essa seleção de temas, muitas vezes feita por simpatia ou antipatia, não é exclusividade da Educação Básica, ocorre também na academia. O caso da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe é emblemático. Apesar de sua relevância, ainda é pouco explorado, embora represente um momento singular, pela primeira vez, um líder revolucionário, que havia participado de diversos levantes, foi nomeado interventor do estado após a Revolução de 1930, como reconhecimento ao movimento.

Minha vivência profissional em múltiplas disciplinas, tais como História, Sociologia, Filosofia, Geografia, Arte e Religião, muitas vezes assumidas para complementar carga horária ou suprir a falta de professores, permitiu-me adotar uma prática interdisciplinar. Essa abordagem mostrou-se frutífera: nunca tive um aluno reprovado em todos esses anos de docência. O segredo, creio, está em valorizar a História de Sergipe e seus desdobramentos em temas como formação urbana de Aracaju, desmatamento ambiental, folclore, religiosidade e movimentos sociais.

Como estudante da rede pública, também concluí o Ensino Básico sem contato com a história do meu estado, tendo acesso a ela apenas na universidade. Isso significa que grande parte da população, que não chega ao ensino superior, permanece privada desse conhecimento. Nos anos 1980, ainda havia a disciplina de Estudos Sociais, que contemplava aspectos da história e da geografia local. Mas, a partir do antigo ginásio (atual 6º ano), esse conteúdo desaparecia. Assim, muitos jovens concluíam seus estudos sem conhecer figuras como Fausto Cardoso, Augusto Maynard Gomes, Tobias Barreto, João Ribeiro, Manoel Bomfim, Sílvio Romero ou Florentino Menezes, personagens que, embora homenageados em logradouros, permaneciam desconhecidos pela maioria.

Da mesma forma, episódios como os torpedamentos de navios brasileiros em 1942, que ocorreram no litoral sergipano, entre Sergipe e Bahia, quase nunca são contextualizados pelos professores, embora tenham sido decisivos para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Seria oportuna, nesse momento, uma abordagem crítica, capaz de relacionar o local ao global.

É a partir dessas inquietações que proponho refletir sobre o ensino da História em Sergipe, fundamentando-me na perspectiva dialética do filósofo e educador alemão Jörn Rüsen (1997). Para ele, compreender o passado é condição para interpretar o presente e planejar o futuro, pois as gerações estão interligadas. A consciência histórica, nesse sentido, não decorre apenas do acúmulo de informações, mas da capacidade de introspecção crítica, de conexão entre narrativas e de posicionamento diante da sociedade.

Nesse horizonte, estudar a Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe pode promover nos estudantes uma mudança de perspectiva e reforçar o sentimento de pertencimento. Em um mundo marcado por guerras, genocídios e rearmamento, é fundamental analisar as especificidades de cada contexto, evitando generalizações. O exemplo dos tenentes, que, paradoxalmente, defendiam bandeiras progressistas como o voto secreto e a democratização

da terra, nos permite compreender a complexidade da atuação militar no Brasil dos anos 1920 e suas conexões com movimentos posteriores, como a Coluna Prestes.

Assim, ao articular fontes históricas locais, reflexão teórica e interdisciplinaridade, espero contribuir para que a história de Sergipe seja não apenas estudada, mas também vivenciada, conectando o passado às demandas do presente e às possibilidades de futuro.

Como metodologia de pesquisa, usei a revisão bibliográfica, com teses e dissertações disponíveis nos bancos de Dados da CAPES e do PROFHISTÓRIA, além de pesquisas no Arquivo Público de Sergipe, para obtenção dos jornais do *Diário Oficial*, e busquei acervos do IHGSE (Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe), Biblioteca Pública Epifânio Dórea, para a obtenção do jornal *A Cruzada*, além de consultar estudiosos que dialogam com a temática por estarem inseridos nos campos de política, filosofia, cultura e na expertise dos rigores metodológicos da pesquisa no trato com as fontes diversas que o historiador pode lançar mão para atingir seus objetivos no deslindar de seu objeto de pesquisa, e, na vasta literatura que se debruça sobre o tema e contexto analisados.

Para consecução deste trabalho, tomei como base alguns autores sergipanos que se debruçaram sobre o tema em questão, notadamente em autores como Barreto (2004) Dantas (2004/2022), Maynard (2008/2024), Santos (2019), Santana (2005), Silva (2002) e Sotero (2018). Sobretudo os dois que mais se voltaram para o estudo do Tenentismo em Sergipe como o pesquisador Ibarê Dantas e a historiadora Andreza Santos Cruz Maynard.

Para a análise no banco de dados da Capes e em repositórios de Universidades coletamos cerca de 260 resultados com os descritores “O Estado Novo” A Intentona Comunista no Brasil e o jornal *A Cruzada* em Sergipe. Porém, após a filtragem dos conteúdos ficaram somente 48 trabalhos entre teses e dissertações, que continham um vasto arsenal de publicações de periódicos, revistas militares, jornais da Igreja católica e de outras agremiações do contexto que demonstram o nível de participação e efervescência política da época e, o proselitismo de cada um desses periódicos em divulgar seus ideais no afã de persuadir um público cada vez maior e se auto afirmar no cenário político.

Folheando as páginas do semanário da diocese de Sergipe, *A Cruzada*, conseguimos compilar 189 laudas de notícias/manchetes somente de 1935 a 1937, versando contra o marxismo, União Soviética, Liberalismo, Maçonaria, e, a favor do Integralismo e todos os seus líderes, destacando sempre suas “superiores qualidades” morais e intelectuais, alicerçados no jargão integralista: Deus, Pátria, Família. Jornais da Igreja em outros estados,

como o semanário *A Ordem*, *O Santuário*, *O Nordeste*, *A quinta coluna...* O que corrobora que o proselitismo fascista/integralista não fora uma exclusividade do clero sergipano, mas, uma ação orquestrada de toda a Igreja Católica Apostólica de Roma no Brasil.

Os tenentes estavam movidos por uma plêiade de insatisfações não somente de cunho pessoal, com o presidente Artur Bernardes, como alguns gostam de resumir o movimento, mas, de uma guinada de poder revolucionária no sentido pleno do conceito, ao pretenderem alijar do poder a eterna casta de beneficiados da Igreja Católica e do Coronelismo no Brasil; fatores cruciais para a rivalidade açodada desta quanto ao movimento tenentista.

Apesar de militares, é nítido entre os mesmos a tentativa de ruptura abrupta com os poderosos da terra e em favor da educação e descentralização do poder nos rincões do país, ainda marginalizados pela República do café-com-leite.

No banco de dados da Capes, encontramos a dissertação de Andreza Maynard (*A Caserna em Polvorosa*, 2008), e o artigo “As mulheres sergipanas e a revolta tenentista de 1924”. o que fizera com que eu abrangesse o leque de minha pesquisa com outros descritores para o contexto (espaço/temporal) desejado, e, mediante os descritores já mencionados descortinou-se uma infinidade de pesquisas bastante profícuas que remontam com profunda galhardia e idoneidade o período estudado.

Para o repertório teórico, trabalhei com algumas obras de Karl Marx, como *O 18 Brumário de Napoleão Bonaparte* (2008), *Miséria da Filosofia* 2008, *Manifesto do Partido Comunista* (2010), *Manuscritos Econômicos Filosóficos* (2001) e *Marxismo de Henri Lefebvre* (2009). Para entender a práxis cultural que anima cada grupo social usei a obra de Peter Burke *O que é história cultural?* (2005), o antropólogo Clifford Geertz, com o livro *A Interpretação das culturas* (2013), e Pierre Bourdieu, com a obra *A Economia das trocas simbólicas* (2013). O trabalho está estruturado em Introdução, seguida pela análise dos antecedentes da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe, a revolta em si, a relação entre a revolta tenentista de 1924 em Sergipe e o Ensino de História, e, por fim, apresento a Dimensão Propositiva da Dissertação, que é uma sequência didática.

2. O Movimento Tenentista em Sergipe

2.1. Os antecedentes da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe

Para falarmos sobre a revolta tenentista que sacudiu a segunda década do Século XX em Sergipe, é imprescindível volvermos ao começo da República no estado, e, assim, revivermos outro grande conflito que ficou conhecido como “a tragédia de Sergipe”, ou, a “Revolta de Fausto Cardoso”, de 1906. Nele, estará presente também o revoltoso Augusto Maynard Gomes, em meio a um conflito ideológico pertinaz: Pebas X Cabaús. Os primeiros eram representantes políticos da ebulição do pensamento liberal, das novas classes sociais, reivindicando garantias e ascensão aos espaços de poder com o avanço do comércio, indústrias e fábricas nas grandes cidades. O segundo grupo representava a força dos canaviais e era composto pelos grandes latifundiários, pouco afeitos aos ideais republicanos.

Em Sergipe, a disputa ideológica era intensa. Entre os líderes políticos de maior expressão, estavam Fausto de Aguiar Cardoso, o líder dos “Pebas” (tatus), e Monsenhor Olímpio de Souza Campos, velho cacique monarquista dos tempos do Império, líder dos Cabaús, representante dos engenhos de cana-de-açúcar.

O Monsenhor Campos irá levar a ascense reacionária os ideais cristãos postos em xeque ante o vitupério do “monstro do liberalismo” que assombrava a Igreja e os ideais católicos, alicerçados e viciados em locupletarem-se com a parcimônia estatal baseada no poder da terra, dos grandes latifúndios desde os idos da colonização portuguesa, em conluio ativo e promíscuo presentes em todos os períodos, passando pela escravização dos indígenas, à escravização dos africanos e seus descendentes e adentrando a República com esse ranço tenaz, amalgamando as relações sociais e, assim, ancorando-se, sendo axioma para o poderio dos “coronéis” que dominavam (num sistema patriarcalista) com mãos de ferro as pequenas cidades e vilarejos da embrionária República brasileira.

Se o avanço das desordens econômicas e sociais e, por conseguinte, dos movimentos de cunho socialista, já preocupavam o Vaticano desde o final do século XIX, no início do século XX as autoridades eclesiásticas no Brasil voltavam-se, sobretudo, para obstáculos encontrados no âmbito institucional. A partir de 1891, entretanto, a Igreja começa a reatar os laços com o Estado que oficialmente haviam sido rompidos desde a Constituição de 1891.

Entre 1890 e 1916, a hierarquia volta-se para a consolidação das reformas internas. No entanto, é com o recém-nomeado arcebispo de Recife e Olinda Dom Sebastião Leme (1882-1942) à frente do grupo católico que se discute a necessidade de promover uma presença mais marcante na sociedade.

A concepção de fé da neocrisandade diferenciava-se daquela do século XIX. Especialmente ao enfatizar a separação entre a Igreja e o mundo. A partir dos anos 1920 e 1930, a nova missão da Igreja residia em cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações e práticas pessoais de um espírito católico. No limite, arregimentar novos fiéis e competir com outras religiões eram desafios que implicavam esforços hercúleos. (Iglesias, 1981, p. 98).

Para se manter na zona de conforto sem ameaça alguma no resultado e a garantia absoluta de vitória dos candidatos situacionistas nos ditos “pleitos eleitorais”, foi criada em 1881 o Decreto-Lei que ficou conhecido como Lei Saraiva. Este fora redigido por Ruy Barbosa, mas, ganhou o nome do ministro do Império José Antônio Saraiva, que introduziu as eleições diretas no parlamento com mandatos de quatro anos; introduziu o título de eleitor; o direito de votar dos não católicos.

Porém, de fato fora um retrocesso, pois, na prática, deixava de fora a maioria absoluta da população; uma vez que aumentava o pré-requisito do voto censitário para 200 mil réis, e obrigava que o pedido para a consecução do título de eleitor fosse escrito de próprio punho, o que alijava a maioria absoluta da população em fazê-lo, uma vez que os índices de analfabetismo eram elevados. E, por isto, a referida Lei ficou conhecida como Censo literário.

Assim, se excluía peremptoriamente o analfabeto do processo político. Pois, somente 20% das pessoas sabiam ler e escrever, e, menores de 25 anos e mulheres não podiam votar, deixando o eleitorado extremamente reduzido. Se antes da Lei era de 1,1 milhão de pessoas, 11% da população; após a Lei o número caiu para apenas 145 mil (1,5%). Somente em 1945 a proporção alcançaria o percentual anterior a tal Lei. (Molina, 2015, p. 276):

Com a República, a idade mínima para votar passou de 25 para 21 anos e acabou a necessidade de uma renda mínima para fazer a inscrição, embora a lei excluísse os mendigos; mas foi negado o voto ao analfabeto que só voltou a partir de 1985, como facultativo. Como escreveu um observador contemporâneo, era o corpo eleitoral mais restrito do mundo. Nas eleições para o congresso de 1912 votaram 1,2 milhão de pessoas, 5% da população – a metade proporcionalmente, do que no Império. (Molina, Op. Cit. P. 366)

Pelo excerto acima, já percebemos a dimensão do problema e porque os “Tenentes” impuseram como uma de suas principais bandeiras o voto secreto e universal. Percebemos as artimanhas de uma disputa visceral com o regime dos coronéis para se manter no poder e não

permitir que ninguém os confrontasse e controlar seus adversários políticos mantendo-os distante do acesso a uma disputa idônea.

Segundo Molina (2015) somente em 1932 é que as mulheres obtiveram o direito ao voto em todo o país; sendo o Rio Grande do Norte o pioneiro a conceber esse direito, em 1927. (Molina, Op. Cit. p.367). Ibarê Dantas confirma tais informações, quanto aos prejuízos do voto literário e a estagnação em nossa sociedade; apesar de alguns poucos benefícios, que, porém, não foram sentidos pela população mais carente, que continuava à margem de tudo:

A vida social animou-se e a sociedade tornou-se mais plural, embora ainda voltada para a manutenção dos privilégios de grupos dominantes e, em menor proporção dos estratos médios. Os serviços de higiene e saúde melhoraram consideravelmente. As classes subalternas persistiam discriminadas mas, especialmente os trabalhadores urbanos, fizeram greves, editaram seus jornais, criaram seu Centro, procuraram organizar-se e reivindicar direitos. É certo que a dominação liberal-oligárquica não proporcionou a devida prioridade ao setor educacional. Houve algumas iniciativas meritórias, a sociedade participou da campanha contra o analfabetismo, mas o progresso foi pequeno. Basta comparar o número do Censo de 1890 com os de 1920. Enquanto o primeiro mostrou que cerca de 89% da população não sabiam ler nem escrever, o segundo registrou que ainda havia 83 % na mesma situação, continuando praticamente à margem do processo civilizatório. (Dantas, 2004, p. 74)

Logo, será em meio a esse apego aos ideais nobiliárquicos e ao poderio baseado na terra exclusivamente, que, despontará a figura do poeta e tribuno, natural da cidade de Divina pastora, Fausto de Aguiar Cardoso; com um pensamento afinado com todo o ideário moderno que fulgurava na Europa e Norte da América e contrastava com o ideal conservador do grande mandatário da política em Sergipe; Monsenhor Olympio de Souza Campos.

Somando-se a esse arroubo revolucionário de Fausto Cardoso em 1906, estiveram a figura de Augusto Maynard Gomes e alguns segmentos da força pública, funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais, pequenos proprietários de terra que assistiram aos seus sonhos desmontarem com o estampido de um tiro de fuzil e a queda do líder liberal em frente ao palácio do governo na Praça do paço, praça esta que posteriormente ganhará o seu nome em homenagem a sua determinação em insurgir-se contra os poderosos do seu estado.

Logo, como não somos uma ilha, todos esses conflitos ideológicos irão reverberar em Sergipe, seja nos sindicatos, nas associações, seja no exército, que, nesse contexto, anda com o povo, são próximos, escutam a população e, ademais, estão prenhes dos mesmos anseios, carências e primam por mudanças.

O coronelismo vilipendia a população mais carente, urge a necessidade de mudanças, setores militares chamam a responsabilidade para si; pois se colocam como uma espécie de vanguarda revolucionária por tradição. Aos poucos vão abandonando os ideais do positivismo apreendidos na academia, logrado pelos mais antigos, os baluartes da decretação da República que alijou Dom Pedro e a coroa portuguesa do comando do Brasil, e vão adentrando nessa segunda década do século XX com novas perspectivas, pois o mundo está em mudanças e eles acompanham atentos a todo sopro de novidade que sussurra do outro lado do Atlântico ou no Norte da América.

A Rússia faz sua revolução socialista, encabeçada por Vladimir Lênin e o Partido Bolchevique; a Europa sente os efeitos funestos da 1ª grande Guerra mundial; a Alemanha sente as consequências da guerra como ninguém, sai arrasada, humilhada, com o exército reduzido, sanções lhe foram impostas; o desemprego aumenta, a população culpa a democracia pela derrocada do nível de vida e corrupção.

Como se não bastassem as tensões ideológicas, retroalimentadas pela Igreja em seus sermões dominicais e em seus noticiários impressos, e, do outro lado, a influência da revolução Russa de 1917; veremos o presidente Arthur Bernardes exacerbar o tom, já deveras inflamado em ânimo e, ao publicar uma carta com comentários que atingem sensivelmente os brios de toda a corporação, a essa altura já bastante exaltada e desprestigiada pelo regime excludente impetrado pela República brasileira; um paradoxismo nocivo que corroeu os alicerces de nossas relações sociais naquele início de século XX.

O nascer do novo século testemunhou a pandemia da gripe espanhola que matava ferozmente. Lembremos o contexto geral: o mundo saindo da 1ª Guerra Mundial (1914/18), as economias, em consequência disto estavam em frangalhos; as ideias autoritárias passam a encontrar terreno fértil para germinar devido à derrocada do liberalismo e o momentâneo fracasso da democracia em gerir a coisa pública, a promover igualdade social, oportunidades de ascensão social, o desemprego, o fortalecimento das oligarquias, em nosso caso (região Nordeste), a República passa a ser mais excludente e devastadora que a própria recém-extinta monarquia (1889).

Os negros e afrodescendentes recém-libertados totalmente marginalizados, sem poderem inserir-se no mercado de trabalho, haja vista o preconceito e conservadorismo

daquela sociedade escravocrata, e, em contrapartida, em um país onde ainda estava iniciando sua industrialização, faltavam mão de obra para trabalhar nas lavouras; pois, naquele então, o serviço braçal era inerente ao escravo, e, ao mesmo tempo, poucos confiavam em contratar um ex-escravo para o trabalho assalariado. A solução encontrada pelo governo federal foi incentivar a vinda de imigrantes para trabalhar como colonos nas lavouras para “branquear” a população.

Para acalorar ainda mais a disputa maniqueísta entre conservadorismo e liberalismo, veremos a insurgência malograda da revolta de 1922, em Copacabana, na Capital do país, que entrara para a história como a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, na qual, mais uma vez se fez presente sergipano Augusto Maynard Gomes, entre outros revoltosos como Eduardo Gomes e Siqueira Campos.

Maynard conseguiu escapar com vida, escondendo-se e posteriormente recompondo forças para em tempo hábil engendrar o seu plano e ver consolidado o auspício acalentado há tantas décadas em livrar o Estado brasileiro e seu povo dos tentáculos imobilizadores e viciados dos latifundiários e demais agentes mantenedores do conservadorismo doloso que, a exemplo da Igreja Católica daquele contexto, servia de agente importante da estrutura coronelista com o seu rodízio de alternância de poder concentrado e dividido apenas entre os Estados de Rio de Janeiro (estado da Guanabara), São Paulo e Minas Gerais, na chamada república café com leite.

2.2. A Revolta de 1924 em Sergipe

Apresentaremos um breve relato dos desdobramentos do movimento tenentista na cidade de Aracaju (capital de Sergipe), engendrando-o nos acontecimentos nacionais iniciados na Conspiração de Realengo em 04 de julho de 1922 (Os Dezoito do Forte de Copacabana).

Em 05 de julho 1922, estoura no Rio de Janeiro o movimento dos tenentes, conhecido como a revolta do Forte de Copacabana (18 do Forte) e, posteriormente, alastra-se por outras regiões do Brasil, como a revolução gaúcha (1923), a revolução paulista (1924) e a coluna Prestes. “Mas se não havia razões internas que justificassem uma revolta, no âmbito nacional cresciam os descontentes com a política do presidente da República”, espalhando-se por vários estados brasileiros até chegar a Sergipe. (Dantas, 1999, p. 105).

No caso de Sergipe, o movimento teve início na madrugada de 13 de julho de 1924. Nesse período das revoltas tenentistas por todo o Brasil, o governador era Maurício Graccho Cardoso, representante legítimo das forças conservadoras, lideradas pelo general Oliveira Valadão. A eleição de Graccho Cardoso era a mais perfeita adequação à política do café-com-leite e às oligarquias estaduais. Embora o governador tenha procurado fazer uma administração modernizadora – promovendo o embelezamento de Aracaju, melhoria na produção do algodão, construção de escolas e de pontes –, ele representava um modelo político ultrapassado:

Os questionamentos não ocorriam somente com os tenentes, a intelectualidade demonstrava a insatisfação através dos seus escritos, os artistas pela sua arte, e, a emergente classe operária que estava despontando devido o crescente desenvolvimento das indústrias têxteis em Sergipe. A Partir de 1920, com a fundação do órgão Voz do operário, que circularia até a década de 30 com breves intervalos, o operariado foi-se tornando mais organizado e mais representativo como grupo social. Deve ter concorrido também para despertá-lo em relação aos seus direitos, a campanha que Deodato Maia realizava em Sergipe, desde aproximadamente 1911, pela regulamentação do trabalho, através de uma legislação social que foi defendida inclusive na câmara federal (Santana, 2001, P. 195).

O propulsor dessa insatisfação em Sergipe foi um grupo de tenentes do qual fazia parte Augusto Maynard Gomes que, junto com o brigadeiro Eduardo Gomes, já havia participado do levante do Forte de Copacabana, quando acabou sendo preso e enviado para a Ilha das Cobras, de onde fugiu para o Rio de Janeiro.

Na madrugada de 13 de julho de 1924, o tenente João Soriano de Melo, o capitão Eurípedes Esteves de Lima, o tenente Augusto Maynard¹ (que liderou o movimento), e o segundo tenente Manoel Messias de Mendonça, prendem o major Jacinto Dias Ribeiro, comandante da Guarnição, e assumem o comando do quartel do 28º BC (Aracaju), aderindo a estes a maioria da oficialidade. Nesta época, o quartel estava localizado na Praça 24 de outubro, no local onde hoje está o Hotel Palace (centro da cidade).

¹Augusto Maynard participou, em 1904, na capital da República no estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro, da revolta contra a vacina obrigatória implementada pelo presidente Rodrigues Alves como parte de reformas sanitárias, que, naquele então se faziam necessárias devido ao aumento demográfico das grandes cidades do país e, conseqüentemente, à falta de estrutura nesses locais para comportar o ascendente fluxo migratório oriundos do interior dos estados, principalmente das regiões Norte e Nordeste, em busca de emprego e melhores condições de sobrevivência.

A tropa foi dividida em três companhias: a primeira, liderada pelo capitão Eurípedes Esteves de Lima, passou a ocupar pontos estratégicos da cidade; a segunda, liderada por Soriano, seguiu pela rua Santa Rosa e Santo Amaro até a Praça Olímpio Campos, dirigindo-se ao Palácio do Governo; a terceira, comandada por Augusto Maynard, seguiu pela Av. Rio Branco até o quartel da Polícia Militar. Lá houve um confronto com disparos de tiros que foram ouvidos em várias partes da cidade:

A primeira vítima de morte foi um ansepeçada e dois soldados foram feridos. A população assustada pensava que a usina elétrica tinha explodido. Depois de tomado o palácio, que ficou sob a responsabilidade de um sargento, Soriano fora ao encontro de Maynard. O tenente-coronel da Polícia Militar, Caetano da Silveira Bastos, e o oficial do dia, fugiram. Os demais renderam-se, sendo levados presos para o 28° BC. O próprio comandante do 28° BC, major Jacinto Dias Ribeiro, vendo que não tinha como estancar o movimento, entregou-se ao capitão Eurípedes Lima. (Maynard, 2008, p. 25)

Segundo Andreza Maynard, “durante o levante militar de 1924, somente alguns jornais circularam normalmente, *O Diário Oficial* e o *Correio de Aracaju* circularam diariamente” (2019, p. 05). Porém, com o intuito de retratar uma boa imagem dos rebeldes a imprescindível lição de civilidade, passando com isto, a impressão de normalidade, dando segurança à sociedade e mostrando que o governo continuava altivo, com a ordem estabelecida; já o *Sergipe Jornal*, *Diário da Manhã* e *A Folha*, contrários às ações da Junta Militar, por opção de seus proprietários deixaram de funcionar (Maynard, 2019, p. 05). O semanário *A Cruzada*, sempre contrário a todas as ebulições sociais que ousassem promover mudanças, não circulou neste período. E, anos mais tarde estardalhava:

Não seremos nós, que lutamos pela civilização, pela vitória e pela permanência dos seus valores positivos cristãos, que formaremos ao lado das esquerdas, dos elementos negativos da Pátria, dos que pecam contra os dogmas nacionais; e que, furtiva e passageiramente, formam ao lado da democracia liberal, para conseguirem diluir seu veneno mortífero na alma de um povo”, que, generoso e bom, poderá ser, mais uma vez, iludido, deixando de lado são princípios da justiça social, para praticar uma justiça social equivocada e não unívoca. Somos democratas, mas o nosso exercício democrático, para ser profícuo, deve se exercer numa democracia personalista, e não uma democracia individualista, viciada, envenenada e dissociativa, cuja origem está na Revolução Francêsa apesar de certos obstáculos do democratismo socializante norte-americano, de origem

protestante liberal. (De 'A União'). (A Cruzada, Ano 1, segunda fase; Aracajú, 16 de junho de 1935)

Depois de dominar o palácio e o quartel da polícia, os revoltosos marcharam para ocupar o telégrafo e a estação ferroviária, a usina elétrica e o sistema de telefonia. No dia 13 de julho de 1924, o comandante do 28º BC já era informado, através de boletim interno, da nova estrutura hierárquica do Exército. O comando ficou com o capitão Eurípedes; Maynard e seu batalhão com a fiscalização; e Soriano, com o comando das subunidades e na assessoria de ajudante e secretário.

O conjunto de correspondências do governador Maurício Graccho Cardoso dias antes da revolta ter início, mostra que ele desconhecia a intenção de alguns oficiais desobedecerem as ordens do comandante do 28º Batalhão de Caçadores, e do próprio governo.

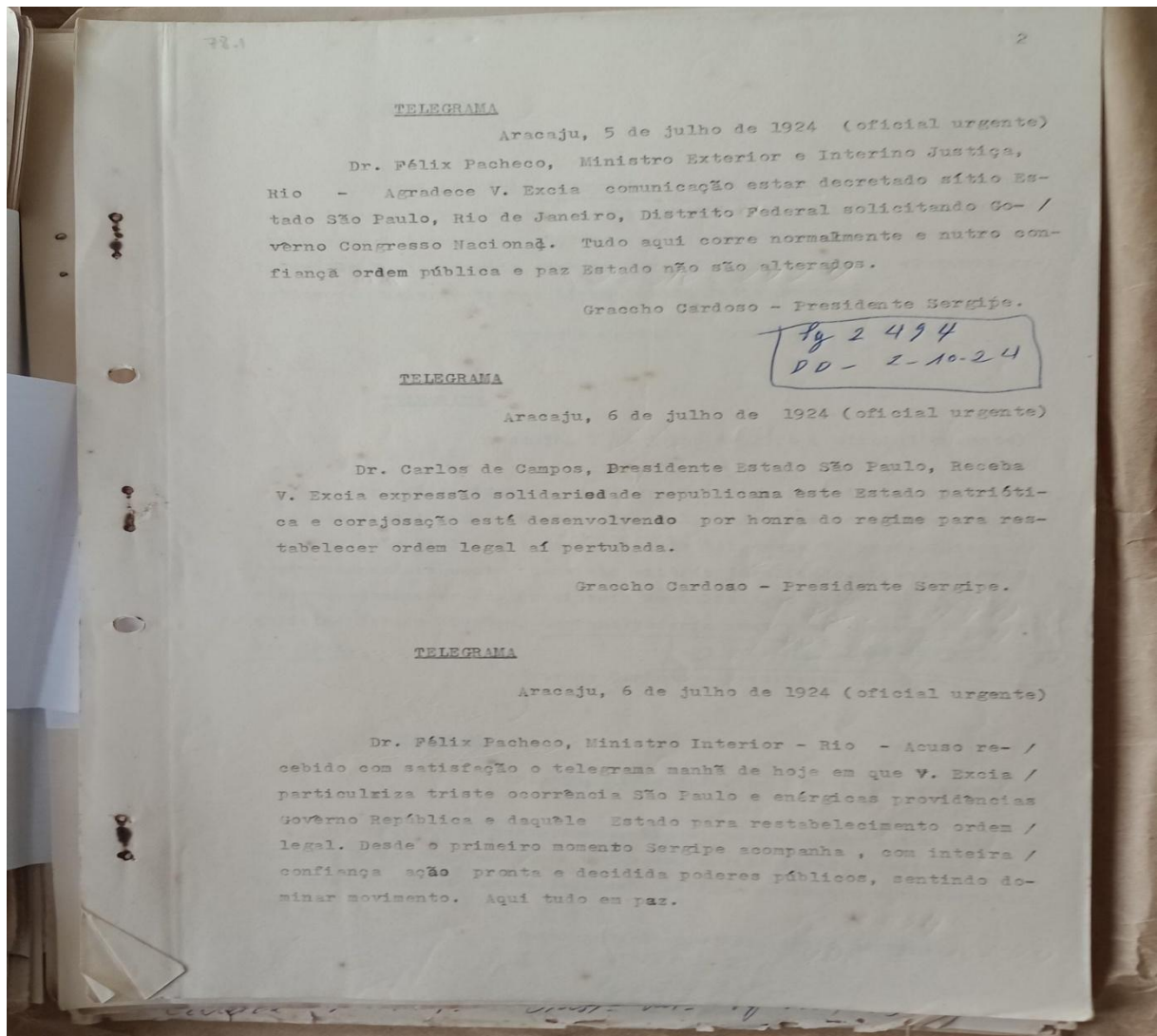


Imagem 1. Telegramas expedidos pelo governador Maurício Graccho Cardoso. Aracaju, julho de 1924. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe.

No alvorecer do dia 13 de julho, o governador foi comunicado da nova ordem vigente no estado e foi conduzido preso para o 28° BC. O general José Calazans, embora visse como necessária, não aceitou o comando do estado, cabendo a uma Junta Governativa Militar, formada pelo capitão Eurípedes Lima, 1° tenente Augusto Maynard, 1° tenente João Soriano e 2° tenente Manoel Messias de Mendonça. Era preciso assegurar o poder. A junta, então, lança um manifesto à sociedade sergipana, explicando o motivo da tomada do poder e procurando angariar o apoio popular, assim como às autoridades nas esferas municipais, estadual e federal foram comunicadas e responderam, dando ciência da nova realidade:

Não desconhece o valoroso povo de Sergipe a situação de desrespeito aos direitos alheios implantado pelos que nestes últimos seis anos vêm governando a República brasileira; “não desconhece também o digno povo sergipano as humilhações, os vexames que esses mesmos dirigentes vêm impondo a classe militar” (Augusto Maynard, apud. Dantas, 1999, p. 110).

A imprensa esteve parcialmente sem funcionar, os jornais *Diário da Manhã* e *Sergipe-Jornal*, por defenderem pontos de vista das oligarquias, não fizeram sua publicação. O *Correio de Aracaju*, cujo dono era Edson de Oliveira Ribeiro, passou também a dirigir o *Diário Oficial*, que circulou normalmente. Além de Aracaju, as cidades de Carmópolis, Rosário do Catete, Japarutuba, São Cristóvão e Itaporanga apoiaram os revoltosos tenentistas. Em Aracaju, os líderes do movimento passaram a preparar a capital para um contramovimento externo, por forças legalistas da República brasileira. Da região do Carvão até o Tramandaí foram cavadas trincheiras, convocados reservistas, além de terem sido incorporados voluntários (DANTAS, 2004, p. 85).

Dias depois da eclosão da revolta, os líderes publicaram uma proclamação ao povo sergipano. No documento, eles explicam os motivos da Revolta em Sergipe. Redigido um dia após o início do levante militar, o manifesto só foi publicado no dia 16 de julho.

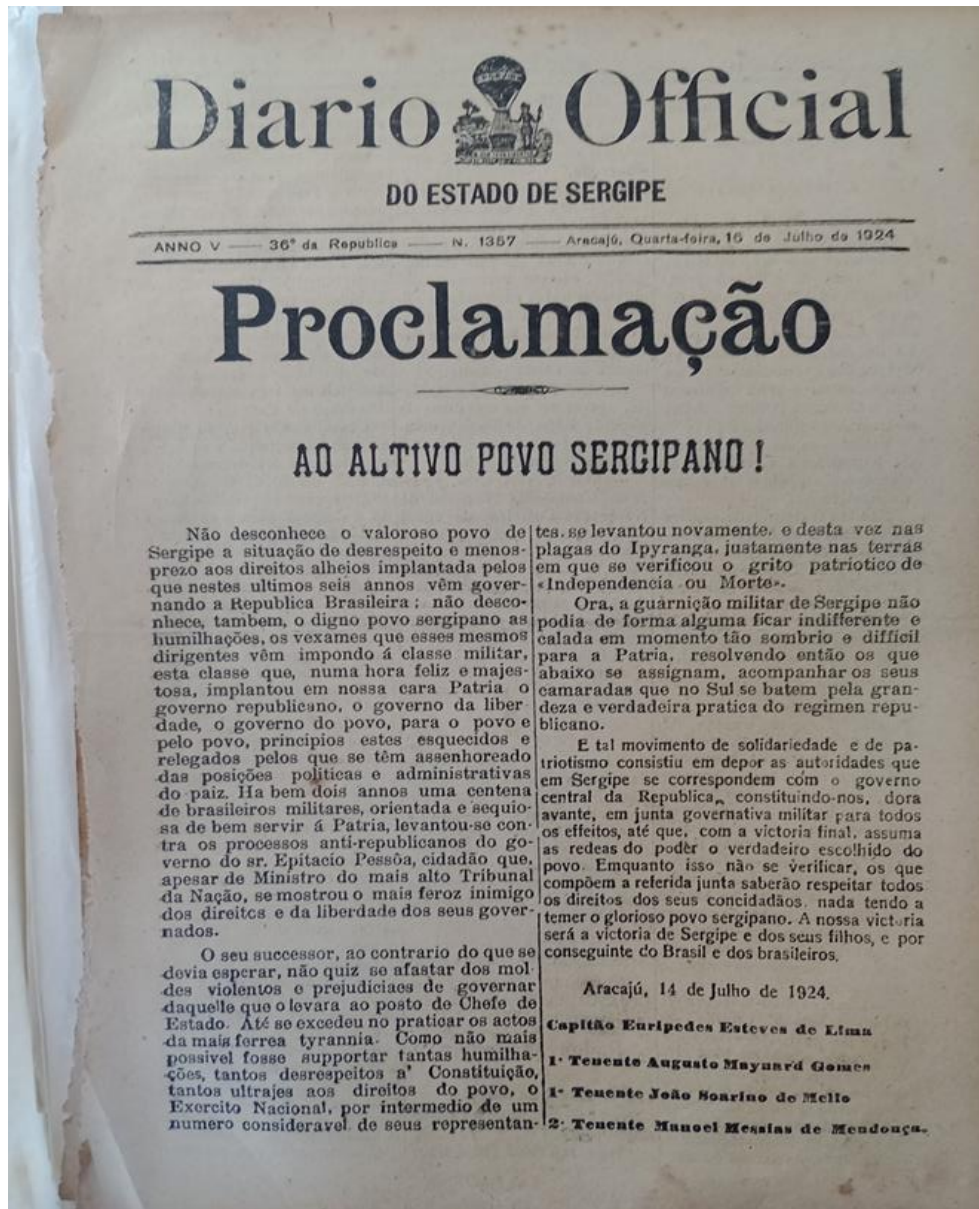


Imagem 2. Jornal Diário Oficial. Aracaju, 16 de julho de 1924, p. 1. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Assim como faziam no jornal *Correio de Aracaju*, os tenentes rebeldes publicavam notícias favoráveis à revolta no jornal *Diário Oficial*. Na imagem abaixo está a transcrição de várias correspondências com autoridades sergipanas, que parecem reconhecer e validar o feito dos rebeldes.



Imagem 3. Jornal Diário Oficial. Aracaju, 17 de julho de 1924, p. 1. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Na madrugada do dia 23 para 24 de julho, foi avistado no horizonte o contratorpedeiro “Alagoas”, que logo desapareceu. As forças legalistas preparavam o ataque para pôr fim ao movimento dos tenentes em Sergipe, as tropas situadas no norte e no sul do estado se puseram em marcha para Aracaju. As tropas do general Marçal de Farias eram formadas por homens de Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Os revoltosos de Sergipe reorganizaram as tropas, chegando a enviá-las para Itaporanga, sob o comando de Soriano, enquanto Augusto Maynard comandava as tropas de São Cristóvão. No dia 2 de agosto, os jornais divulgavam a presença do general Marçal Nonato de Farias, conclamando o povo a manterem-se leais às forças federais. Os revoltosos

vencidos voltaram ao quartel de Aracaju e os legalistas avançaram. O contratorpedeiro Alagoas ficou ancorado na Ponte do Imperador, perto do navio Íris. As tropas legalistas entraram em Aracaju e acabaram com a rebelião militar no dia 2 de agosto. No dia 9 de agosto o Diário Oficial do Estado de Sergipe voltou a noticiar a fala do presidente Artur da Silva Bernardes.

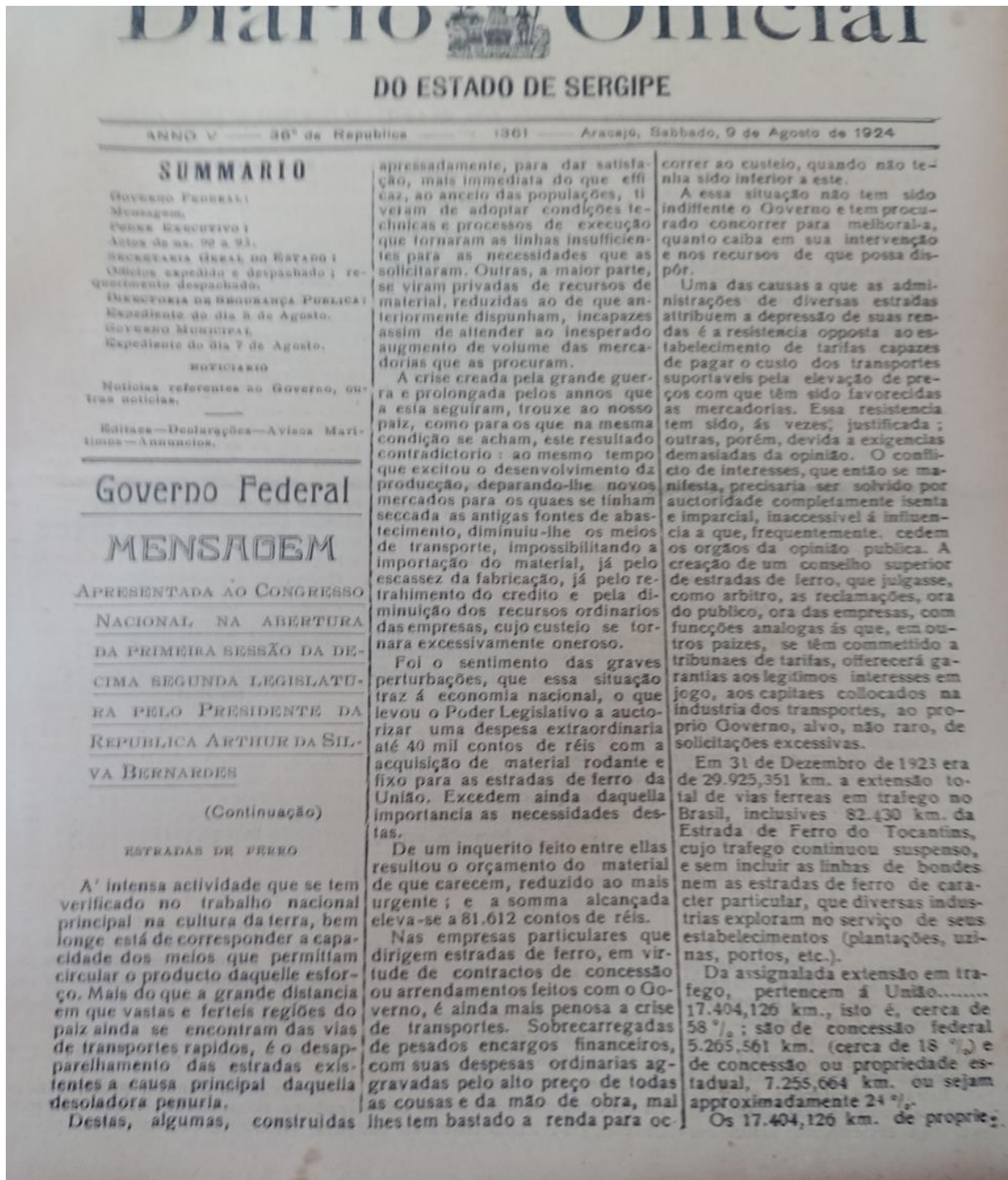


Imagem 4. Jornal Diário Oficial. Aracaju, 09 de agosto de 1924, p. 1. Acervo do Arquivo Público do Estado de Sergipe.

No dia 4 de agosto, foi reempesado o presidente deposto, Maurício Graccho Cardoso, baixando um decreto que tornava sem efeito qualquer ato dos tenentes. Os líderes do movimento foram caindo, Soriano foi preso no dia 6 de agosto, no dia 9 foi a vez de Eurípedes ser conduzido preso de Laranjeiras para Aracaju, enquanto Maynard fugiu, chegando até São Paulo, onde foi preso.

No dia 7 de fevereiro de 1925, a bordo do navio Itapacy, Maynard chegava a Aracaju. Foram abertos processos para julgar os revoltosos. Em março de 1925, era concluída a fase de defesa, embora não tenha saído o veredicto, sabe-se que o procurador do caso, Oscar Viana, acusava 606 pessoas.

Seu substituto, Plínio de Freitas Travassos, novo procurador, apresentava 252 envolvidos, entre eles, 5 cabeças, além dos líderes, o general José Calazans, Paulo Martins. Em 28 de agosto, reduziram-se ainda mais o número de acusados.

Em 16/11/1930, o tenente Augusto Maynard Gomes, tomou posse do cargo de governador provisório e, posteriormente tornava interventor do Estado, como o líder revolucionário de maior destaque em Sergipe. Tendo participado nas revoltas de 1904 (vacina) Rio de Janeiro, 1906 (Revolta de Fausto Cardoso) Aracaju, 1922 (18 do Forte de Copacabana), 1924 (líder da revolta em Sergipe) e 1926, reinsurgência do movimento revolucionário em Sergipe. (Dantas, 2004, p. 79).

Conforme a década de 1930 se aproximava, o anticomunismo no Brasil cresceria de uma forte maneira. Chegada à nova década e o processo político que derrubou a primeira república, os setores conservadores da sociedade brasileira temeram a possibilidade que o novo governo fosse dirigido por quadros de esquerda. Defensores de propostas antiliberais conquistam espaço dentro do processo de criação do novo governo e este fato gera alguma preocupação dentro de setores conservadores da sociedade, como o clero, a imprensa e os grandes empresários:

Os esquerdistas intensificaram sua mobilização criando entidades. Após a formação da União feminina do Brasil e a Frente Única Antifascista e Antiguerreira de Sergipe foi fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Não obstante, uma certa receptividade entre alguns segmentos urbanos, segundo estudioso do tema (Cf. Juarez Ferreira de Oliveira; Pão, Terra e Liberdade; Ufs. 2009), teria duração legal de uma semana, em face da extinção do órgão a nível nacional. Os direitistas, por sua vez, ampliavam

seus núcleos integralistas, muitas vezes com o apoio velado ou explícito da Igreja Católica que passou a atuar de forma mais vigorosa. Criou a sucursal da Ação Católica Brasileira, em 1935, que atingia os grupos médios e superiores, bem como o Círculo Operário Sergipano, que atuava entre os trabalhadores urbanos. Sintonizando com esses órgãos havia o Jornal A Cruzada, dando cobertura e ajudando as iniciativas proselitistas. (Dantas, Op. Cit.; p.99)

Marly Vianna, ao comentar esse contexto histórico, afirma que na trilha do novo governo, a política era seguida com combinações de repressões violentas e cooptação, mediante concessões econômicas e manipulações ideológicas de todo tipo, todas controladas pelo Estado, em conluio com as grandes lideranças locais (coronéis) (Vianna, 2007, p. 22).

Uma oposição foi demarcada entre esses dois campos simbólicos são fundamentalmente diferentes, ou seja, os comunistas e os cristãos. Embora a princípio não devesse ser excludente, já que um seria a representação de uma expressão religiosa e outra política (segundo a pesquisadora e os fatos corroboram, a igreja chama para si essa responsabilidade política-ideológica).

É o que se expressava no dia 11 de agosto de 1936, em meio às manifestações do seu primeiro aniversário de fundação, *A Cruzada* publica o “Primeiro Manifesto do “Círculo Operário Católico de Sergipe” ao Povo Sergipano (sic):

A grande e felicíssima efeméride que se comemora hoje assinala, na história do operariado de Sergipe um notável acontecimento. O primeiro aniversário do “Círculo Católico Operário de Sergipe” que, em data de 11 de agosto do ano, teve uma solene instalação no campo ubertoso e fertilíssimo de Sergipe Del Rei. É oportuníssimo o ensejo para lançarmos ao bondoso povo sergipano o nosso Primeiro Manifesto. Convém explicar o que vem a ser o “Círculo Operário”, definindo-o: é uma agremiação de operários e empregados que se unem em defesa de seus interesses e para a consecução do seu bem estar, dentro do maior acatamento às leis vigentes e dentro dos sãos princípios cristãos de respeito à propriedade e amor ao próximo... Apenas iniciamos o nosso movimento na Capital, logo tivera repercussão nos demais meios operários do Estado. Medrando está nos terrenos férteis da bôa vontade cresceu, e, no momento, é aquela árvore agasalhadora onde 800 operários encontram abrigo seguro contra as injunções de Moscou. Não admitimos que haja irmãos indiferentes ao nosso

movimento. De passagem rogamo-lhes que nos acompanhem. A indiferença nestes tempos - é cobardia. Não estamos em paz. A guerra está acêsa. O pivot do conflito – é a Questão Social (sic). Leão XIII e Lenine são os chefes que dirigem as multidões. A Igreja ou o Comunismo. Roma ou Moscou. Atendei ao nosso apelo e reuni-vos à sombra da bandeira da Cruz protetora e amiga. Desta sorte, concorreremos para a estabilização da ordem social, repelindo os perturbadores que levantam campanhas inglórias e tentam contra a grandeza da Pátria, segurança da família e o valor moral do indivíduo. Seus intentos são tanto mais funestos, quanto mais sabemos que eles visam derramar o sangue inocente, espalhar a dôr, levar a orfandade aos lares, deixando sem pão centenas de criancinhas que cresciam alegres sob os olhares de pais ora desaparecidos pelas balas assassinas do credo moscovita. (A Cruzada, 11 de agosto de 1936) (sic)

Para entender a necessidade da Igreja em construir essa oposição, é fundamental lembrar que o comunismo foi um tema presente durante boa parte do século XX em diversas partes do mundo, principalmente após a Revolução Russa, em 1917. Na década de 1920, surge no Brasil um movimento anticomunista, ampliando-se após o movimento que ficou conhecido como Intentona Comunista de 1935. (Vianna, 2007, p. 25).

O semanário aproveita o fracasso da Intentona comunista para alardear seus pontos de vista. Tudo isso às vésperas do Estado Novo. Não soa estranho um jornal religioso interferir tanto em movimentos dessa estirpe? E segue com a boa nova das forças armadas denunciando o descobrimento de um suposto documento com orientações para os militantes do PCB:

O Discurso do General Newton Cavalcanti por ocasião da homenagem às vítimas de novembro de 1935. O Governo Federal decreta Estado de Guerra Uma medida oportuna e necessária O Brasil está novamente sob Estado de Guerra. Em perigo acham-se as instituições básicas, a sua estrutura social, o organismo constitucional, numa palavra, em perigo a sua própria existência como um país livre, no concerto das nações civilizadas. Forças terrivelmente subversivas, diabolicamente manietadas por idéas exóticas de uma potência estrangeira, procuram, a todo transe, destruir tudo quanto construímos de grande e sadio, no decorrer de quatro séculos. Para muita gente a notícia de que o Exército Nacional descobrira um terrível documento, no qual o komintern ordenava com incrível incumbência, a revolução comunista, constituiu formidável surpresa. Estourou como uma bomba. Para nós, porém,

tudo nos fazia prever o fato. (Padre João Moreira Lima, A Cruzada, Aracaju, 10 de setembro de 1937)

Por falar em intenciona comunista, é impressionante a quantidade de matérias que o semanário que perscrutamos aqui se encarrega de divulgar, inclusive, fazendo nítido papel de panfletagem nessa campanha que exacerbar-se-á após o referido movimento; chegando ao ponto de divulgar trechos de supostos planos apreendidos pelo exército que davam conta “das causas do fracasso” do movimento e de diretrizes para que seus militantes generalizassem a violência, espalhando terrorismo e muito assassinato e violência frente as forças de segurança e seus familiares.



Imagem 5: jornal A Cruzada; 16 de outubro de 1937.; acervo da Biblioteca Pública

Epiphâneo Dórea

3. A Revolta de 1924 em Sergipe e sua relevância para o Ensino de História

O movimento tenentista constitui um dos capítulos mais significativos da história política do Brasil na primeira metade do século XX. Marcadas por insatisfações com a chamada "República Oligárquica" e pelo desejo de reformas modernizadoras, as revoltas empreendidas por jovens oficiais do Exército, os "tenentes", revelaram tensões entre projetos de nação, demandas sociais e a defesa de maior participação política. Dentre os diversos episódios, destaca-se a revolta tenentista de 1924 em Sergipe, um episódio ainda pouco explorado na historiografia nacional, mas que adquire importância singular para compreender os reflexos regionais do movimento.

O tenentismo surge como expressão do descontentamento de setores médios militares diante da crise da República Velha, pautada pelo domínio das oligarquias estaduais. De acordo com Boris Fausto (2007), o tenentismo representava a insatisfação corporativa dos militares e a inquietação das classes médias urbanas com os rumos da política nacional.

O estudo das revoltas tenentistas, ocorridas nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil, constitui um ponto fundamental para compreender as transformações políticas, sociais e culturais que marcaram o período de crise da Primeira República. Mais do que uma simples narrativa de eventos militares, o ensino desse tema nas escolas contribui para que os estudantes compreendam as tensões sociais, os embates em torno da democratização do país e as contradições da elite política da época.

Segundo Fonseca (2003), o Ensino de História deve ser compreendido como um espaço de formação crítica, em que o passado é interpretado a partir das demandas do presente. Nesse sentido, a análise das revoltas tenentistas possibilita aos alunos refletirem sobre o papel dos militares, a questão da cidadania e as disputas em torno da modernização política e social no Brasil.

Além disso, Schmidt e Cainelli (2009) destacam que o ensino da disciplina deve favorecer a construção da consciência histórica, entendida como a capacidade de relacionar diferentes temporalidades e compreender que as escolhas feitas no passado influenciam a configuração do presente. Assim, trabalhar com as revoltas tenentistas permite ao professor problematizar as tensões que envolveram a luta por maior participação política e social, incentivando os alunos a pensar criticamente sobre a democracia no Brasil contemporâneo.

É igualmente relevante considerar que a abordagem desse tema nas aulas de História pode ampliar a noção dos estudantes sobre os movimentos sociais e políticos como agentes transformadores da realidade. Para Monteiro (2007), "o ensino de História não deve se

restringir à transmissão de conteúdos, mas possibilitar a reflexão sobre as experiências humanas e suas implicações na vida social e política” (p. 54). Nesse sentido, os oficiais do exército que se rebelaram, embora derrotados em muitos de seus levantes, deixaram marcas importantes no debate sobre reformas políticas e sociais que reverberaram na Revolução de 1930.

Dentre as características do tenentismo no Brasil, podem ser destacadas: o ideal de moralização da vida pública, a defesa do voto secreto, a crítica ao poder das oligarquias e o desejo de modernização do Estado brasileiro. Movimentos como a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, em 1922, e a Revolução Paulista de 1924 demonstram a força e a repercussão do movimento em várias regiões do país.

Embora a Revolução de 1924 em São Paulo seja a mais lembrada, é fundamental destacar os desdobramentos regionais, como ocorreu em Sergipe. No estado, o movimento esteve associado às articulações entre oficiais simpáticos ao tenentismo e grupos locais descontentes com as elites políticas tradicionais.

Essa dimensão regional é essencial para a compreensão da pluralidade do tenentismo. Ao analisarmos a Revolta de 1924 em Sergipe, compreendemos que o movimento não se restringiu aos grandes centros, mas alcançou estados periféricos, como Sergipe e Manaus, revelando a amplitude da crise republicana.

A inserção do estudo sobre o tenentismo e, especificamente, da Revolta de 1924 em Sergipe, no Ensino de História, é fundamental para ampliar a compreensão dos estudantes acerca das diferentes formas de contestação política na Primeira República. Como destaca Circe Bittencourt (2004), "o ensino de História deve possibilitar a compreensão do passado em suas múltiplas dimensões, relacionando o local, o nacional e o global". Além de possibilitar o trabalho com a história do cotidiano, outro ponto positivo destacado por Bittencourt, quando ressalta:

A introdução da história do cotidiano como objeto de estudo escolar requer que se explorem as possibilidades inerentes do cotidiano, sem se limitar a constatar o “real” ou as motivações possíveis para alunos pouco sensibilizados com a História escolar mais tradicional. O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida

cotidiana é repleta e permeada de alienação. (Bittencourt, 2008, p. 168).

Assim, ao trabalhar o tenentismo nas salas de aula, especialmente considerando sua manifestação em estados como Sergipe, o professor promove a valorização da memória local e estimula o pensamento crítico dos alunos. Selva Guimarães (2012) reforça que "ensinar História implica articular conteúdos significativos para a formação cidadã, de modo que o estudante se reconheça como sujeito histórico".

Dessa forma, incluir a análise da Revolta de 1924 em Sergipe no currículo escolar favorece a formação de uma consciência histórica (Rüsen, 1997) mais ampla, permitindo que os alunos compreendam tanto as disputas políticas nacionais quanto as repercussões regionais dessas lutas. As revoltas tenentistas foram expressões significativas da crise da Primeira República, revelando tensões políticas, sociais e militares que marcaram a história do Brasil nas décadas de 1920 e 1930. A Revolta de 1924 em Sergipe, embora menos conhecida, integra esse contexto de contestação, ampliando a compreensão da capilaridade do movimento.

As revoltas tenentistas da década de 1920 configuram-se como momentos de crise da Primeira República, evidenciando tensões entre militares de baixa e média patente e as oligarquias que dominavam a política nacional. De acordo com Maria Celina Forjaz, os militares julgavam que naquele período as Forças Armadas se constituíam “o único grupo nacional organizado, com uma elevada expectativa sobre seu próprio papel enquanto ‘estrato protetor da República’ e contando com a possibilidade do recurso à violência” (Forjaz, 1977, p. 34).

Em Sergipe, a Revolta de 1924 assumiu contornos específicos, relacionados tanto à conjuntura local quanto às reverberações do movimento nacional. O estudo desse episódio tem ganhado relevo na historiografia sergipana, especialmente por meio das análises de Ibarê Dantas e Andreza Maynard.

Enquanto Dantas apresenta uma narrativa centrada nas estruturas políticas e econômicas que moldaram o contexto da revolta, Maynard analisa o episódio sob os moldes da história cultural, atentando para o simbólico e os significados, e destacando a importância de se compreender como o evento foi lembrado, narrado e reinterpretado ao longo do tempo.

Ibarê Dantas enfatiza as dimensões estruturais da Revolta de 1924. Para o autor, o movimento deve ser compreendido como parte das tensões entre os militares insatisfeitos e as elites políticas sergipanas ligadas ao coronelismo e ao domínio oligárquico.

Dantas argumenta que o levante refletiu a crise da Primeira República em sua expressão regional, revelando como Sergipe não esteve isolado, mas inserido em dinâmicas políticas mais amplas. O autor dá destaque aos desdobramentos institucionais da revolta, à repressão governamental e ao enfraquecimento momentâneo das oligarquias, sem perder de vista a relação com o contexto nacional.

Andreza Maynard, por sua vez, ao estudar a Revolta de 1924 em Sergipe, propõe uma análise que vai além da narrativa factual. Sua pesquisa ressalta a importância de analisar o evento com base numa ampla gama de documentos, abordando como ele foi construído discursivamente pelos líderes da revolta e quais usos sociais foram atribuídos a ele. Ao criticar as análises existentes sobre o tenentismo de uma forma geral, a autora pontua

As análises acerca do tenentismo parecem sempre estar legitimadas no campo da política. Os militares se envolveram com política na década de 1920 e disso teria resultado a revolução de 1930 e, mais tarde, a de 1964. Daí a importância de estudar os movimentos militares. Até meados da década de 1980 as análises acerca do tenentismo estavam preocupadas em mostrar os militares como representantes das classes médias urbanas ou em fortalecer a hipótese institucional. E, a partir de então, tem-se duas possibilidades: ou os militares são classificados como expositores das classes médias, ou defensores dos interesses da classe militar (Maynard, 2012, p.17).

Maynard considera que o episódio não deve ser visto apenas como um reflexo das tensões políticas, mas também como um campo de disputas simbólicas, em que diferentes grupos buscaram atribuir significados à revolta. Essa perspectiva aproxima a análise das discussões sobre o Ensino de História, na medida em que evidencia a necessidade de trabalhar o tema nas escolas para compreender as relações entre passado e presente, memória e identidade regional.

Do ponto de vista educacional, o estudo do tenentismo e, em especial, da experiência sergipana, representa uma oportunidade de articular a História nacional à História local, fortalecendo o papel crítico e formativo do ensino. A abordagem dessa temática em sala de

aula contribui para que os estudantes compreendam as complexidades da política brasileira e se reconheçam como participantes da história de seu próprio território.

Portanto, ensinar o tenentismo nas escolas, sob a perspectiva do Ensino de História, não é apenas um exercício de memorização de datas e eventos, mas um meio de construir sentidos, identidades e consciência histórica (Rüsen, 1997).

Além do que já foi posto, é preciso considerar que o ensino de História na educação básica tem como desafio articular o conhecimento acadêmico, a memória social e as experiências cotidianas dos estudantes. Nesse cenário, a história local surge como campo de possibilidades para aproximar o estudante do conhecimento histórico, pois permite compreender as múltiplas temporalidades que atravessam sua comunidade, bairro ou município.

Como aponta Monteiro (2007), o ensino de História deve ultrapassar a transmissão linear de conteúdos, favorecendo a problematização e a reflexão crítica. A valorização da história local, nesse sentido, fortalece o vínculo entre escola e sociedade, ampliando o entendimento de que a História é resultado de práticas sociais construídas em diferentes escalas.

A história local constitui-se em uma ferramenta didática capaz de aproximar os estudantes do conhecimento histórico. Para Schmidt e Cainelli (2004), trabalhar com esse recorte territorial possibilita relacionar o passado à experiência vivida, conferindo sentido ao aprendizado escolar. Dessa forma, o ensino não se limita à memorização de fatos, mas promove a análise crítica do processo histórico.

Além disso, a valorização da história local contribui para a construção da identidade cultural, como destaca Fonseca (2011), ao afirmar que a História ensinada deve se aproximar da realidade dos alunos, reconhecendo os sujeitos sociais invisibilizados pela narrativa oficial.

Jörn Rüsen (1997) defende que o ensino de História deve promover a formação da consciência histórica, entendida como a capacidade de interpretar o passado, compreender o presente e projetar o futuro. Nesse processo, a história local cumpre função essencial ao reconhecer os vestígios históricos de sua comunidade, os estudantes desenvolvem noções de pertencimento e responsabilidade social.

Considerando que a integração da história local ao ensino de História é uma estratégia pedagógica capaz de potencializar a aprendizagem, tornando-a significativa e contextualizada. Ao propor incluir a Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe como um tema pertinente a ser abordado na sala de aula, esperamos que o ensino de história contribua para a construção da

consciência histórica dos estudantes sergipanos, fortalecendo identidades e promovendo a valorização da memória social.

É nesse cenário que se faz cada vez mais importante para o alunado uma postura crítica humanista. Mais uma vez evocamos os ensinamentos Jörn Rüsen, onde o mesmo diz que é necessariamente se apropriando do conhecimento histórico que esse alunado irá compor seu cabedal crítico e, que, somente assim, cômico desse aporte teórico, evidenciando tais fatos (experiências humanas) terá maturidade para refutar o que é nocivo para as sociedades, para a humanidade.

Procuramos demonstrar a importância da luta em busca da democracia dos revoltosos do tenentismo e, que, entre suas bandeiras as mais importantes eram a do voto secreto e a educação pública de qualidade. Justamente para quebrantar o censo literário. Que excluía do direito ao voto mais de 95% da população brasileira. O que fará o (a) jovem refletir na importância da educação para a consecução de mundo mais justo. Aguçando o senso de cidadania de fato e de direito. De compromisso social coletivo. Ético no sentido Paulo Freireano da palavra, ética aqui entendida enquanto sinônimo de responsabilidade, enquanto sinônimo praxiológico, enquanto ação. Pois, segundo Freire (1986, p. 52) é no mover-se, na ação, que exprimimos nossa ética, e, ainda segundo Freire, se não temos responsabilidade jamais poderemos falar em ética.

4. A proposta de uma sequência didática para o ensino da história da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe

Nesta parte da dissertação, será apresentada a proposta de uma sequência didática que visa auxiliar o professor de história da educação básica a abordar a Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe. Utilizando alguns recursos didáticos, e seguindo o modelo de abordagem aqui proposto, os colegas professores de história podem enriquecer suas aulas com o Tenentismo em Sergipe, um tema que muitas vezes é deixado de lado, mas que merece integrar o conjunto dos assuntos abordados nas escolas. Este capítulo é composto por uma justificativa, um caderno de imagens e as orientações ao professor.

4.1. O Percorso da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe na sala de aula

Para garantir o cumprimento dos pressupostos elencados na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) vigente, inclusive com a legitimação do Currículo de Sergipe para o 9º ano do Ensino Fundamental, indispensável faz-se que insiramos em sala de aula para os (as) alunos (as) desse ano (série) o conteúdo da Revolta Tenentista de 13 de julho de 1924 em Sergipe. Pois, enorme tem sido os esforços de muitos pesquisadores, inclusive da área de educação e do Profhistória, a exemplo dos professores doutores Itamar Soares de Freitas (UFS / UNEB) e Fábio Alves (UFS/Profhistória), que, há muito vem denunciando essa eiva nos livros didáticos de História, inclusive, por serem responsáveis pela seleção dos livros didáticos do MEC (PNLD) para disciplina História.

Haja vista, não ser nova a preocupação em lograr ao alunado do Ensino Básico os conteúdos necessários para a compreensão desse contexto histórico que marcara decisivamente os rumos da história local, nacional e mundial. Outrossim, percebemos essa preocupação em uma palestra ministrada pelo referido professor no ano de 2007 (há 18 anos) e, apesar do texto se mostrar otimista pelas mudanças realizadas nos últimos 70 anos estudados nos livros didáticos de história, verificamos através da nossa experiência com os livros didáticos distribuídos nas escolas públicas de Sergipe que majoritariamente quando tratamos desse tema que é obrigatório no 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, haver ausências, inércia, e, quando tratamos de tenentismo em Sergipe (simplesmente não existe), pelo fato do livro didático que é nacional, de fato não poder atender todas as

expectativas locais/regionais, devemos nós professores do Ensino Básico de Sergipe dispor de um material idôneo para trabalhar com a referida temática em nosso estado

Pois, sabemos que entre os pressupostos preconizados pela BNCC está; EF09HI02: Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando as particularidades da história sergipana e nordestina até 1954, como a revolta de Fausto Cardoso (1906), o movimento de 13 de julho de 1924.

Inclusive, a referida conferência (disponível na internet), cita o texto de outro pesquisador, professor da rede estadual de Sergipe que faz alusão ao movimento tenentista em Sergipe, Professor Antônio Vanderley Melo Correia: “o 13 de julho”, que tratará do tema O Tenentismo no livro didático de história de Sergipe. Por esse excerto podemos perceber como este tema aparece nos livros didáticos e a preocupação dos referidos pesquisadores que o façamos

Atores, eventos, razões e exposições do Tenentismo no livro didático. Sobre os atores quem são os personagens de relevo quando se trata de Tenentismo? Devo dizer que inicialmente os “tenentes” não aparecem no primeiro texto em questão. Nem mesmo a palavra tenentismo é mencionada. A história do Tenentismo no livro didático inicia-se com referências ao personagem Isidoro Dias, um dos revoltosos em São Paulo. Nos anos 1960, os personagens já são os alunos da Escola Militar, as tropas em Mato Grosso e, além de Isidoro Dias Lopes o combatente Luís Carlos Prestes e Eduardo Gomes. Nos anos 1980, aparecem Mário Fagundes Varela, Juarez Távora, Miguel Costa, Siqueira Campos, Cordeiro de Farias e a Coluna Prestes. Essa configuração não muda mais até os dias de hoje. Um fato curioso, no livro didático contemporâneo, é a introdução da palavra soldado (além de oficiais e tenentes) e a quantidade do Forte de Copacabana: agora são os 29 do Forte e não os 18 do Forte como vulgata histórica. Sobre os eventos que compõem a trama, é preciso informar que os qualificativos não variam muito. O Tenentismo foi, primeiramente, um “movimento sedicioso que durou apenas 48 horas”. Foi também “levante” e depois “revolta” “rebelião” e transformou-se em “revolução” nos anos 1960. De movimento que durou dois dias, o evento foi deflagrado no Forte de Copacabana, depois migrando para ações no Mato Grosso e em São Paulo (1924): dura meses de um mesmo ano. Nos anos 1990 a revolta do Forte de Copacabana perde a hegemonia, assumindo em seu lugar a experiência da Coluna Prestes o mais

importante evento do “movimento tenentista”. Isso tem implicações: tenentismo passa a ser movimento que abrange os estados de Rio Grande do Sul, Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia, e Minas Gerais. No livro de 2006 (o de Francisco de Assis), outra grata surpresa: Amazonas e Sergipe são incorporados como campo e desdobramentos das ações de 1924 (São Paulo). (Freitas, Itamar; Aracaju, 4 de junho de 2007)

Justamente este é o ponto de embate nos livros didáticos de história que hoje sequer mencionam o movimento em Sergipe, em seus desdobramentos há um vazio, como se Sergipe tivesse sido alijado da história. A seguir, transcrevo literalmente o conteúdo referente às revoltas tenentistas ocorridas a partir de julho de 1924; intitulada no livro didático de Alfredo Boulos Júnior: História, Cidadania e Sociedade, como “o segundo 5 de julho” (pois, o primeiro 5 de julho seria a revolta de Copacabana de 1922).

O segundo 5 de Julho: Dois anos depois, explodiu outro levante tenentista, só que dessa vez em São Paulo. Esse levante, ao contrário do primeiro, tinha objetivos bem definidos; os tenentes exigiam: a) a deposição do presidente Arthur Bernardes; b) a moralização da República por meio do voto secreto; c) a obrigatoriedade do ensino primário; d) a melhoria do ensino público. Comandados pelo general Isidoro Dias Lopes e pelo major Miguel Costa, os militares rebeldes tentaram conquistar a cidade de São Paulo. Com forças mais numerosas e o apoio da aviação militar, o governo venceu os tenentes. Porém, eles não desistiram: cerca de mil soldados formaram a coluna paulista e deixaram São Paulo em direção a Foz do Iguaçu, no Paraná. Os rebeldes sulistas, por sua vez, comandados pelo capitão Luís Carlos Prestes, formaram a coluna gaúcha, e marcharam até Foz do Iguaçu a fim de unir-se aos paulistas. Da junção da coluna paulista à gaúcha nasceu a Coluna Prestes. A Coluna Prestes Com cerca de 1 800 homens, a Coluna Prestes partiu para a guerra de movimento: saiu pelo interior do Brasil buscando o apoio do povo para sua luta contra o governo. Nos locais onde eram bem recebidos, os rebeldes queimavam os registros de cobrança de imposto dizendo que, assim, livravam o povo dos abusos do governo. Movimentando-se com rapidez, conseguindo munição e armamento do próprio inimigo e evitando as grandes cidades, a Coluna Prestes percorreu

25 mil km através de 12 estados brasileiros. E, nos combates que travou, manteve-se invicta. No início de 1927, os 600 homens que ainda integravam a Coluna, já bastante abatidos, decidiram se refugiar na Bolívia e no Paraguai. (Boulos, Alfredo, 2024, p. 45)

Ou seja, este é o conteúdo que os (as) alunos (as) das escolas públicas de Sergipe majoritariamente têm contato, salvo quando há alguma complementação sugerida por algum professor ou professora que tenha interesse ou desprendimento em fazê-lo (la), e, como vemos os movimentos que ocorreram em Rio grande do Norte, Amazônia, Sergipe não são elencados. Assim, respeitando até mesmo os alicerces dos rudimentos de nossa profissão que prezam pelo diálogo da história local com a nacional e geral, devemos buscar mecanismos para inseri-la de maneira interdisciplinar e através de metodologias ativas (como é o caso da sequência didática), entre outras; para com isto trabalharmos conceitos, como memória, patrimônio, movimentos sociais, cultura... Para assim fortalecermos o sentimento identitário e de pertencimento dos nossos alunos e alunas.

Tomando emprestado aqui conceitos usados por Circe Bittencourt (1998) e Pedro Paulo Funari (2003, p. 16); segundo Bittencourt, a Identidade pode ser definida como a construção do “eu” e do “outro” e a construção “do eu e do nós”, que têm lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social. Essa construção baseia-se no reconhecimento de semelhanças/diferenças e de mudanças/permanências (Bittencourt, 1998, p. 134).

Logo, como posso saber quem sou eu, ou, o que estou “construindo” para mim, se estou sendo movido por um senso ético, se eu não tiver parâmetros de comparação, como mensurar a verdade de outrem, ou de outros contextos sociais, se eu não estiver imbuído de ética/humanismo, referentes e aceitáveis em cada contexto, ou em determinada sociedade. Identidade nesse sentido não será pensada enquanto ser diferente, ou enquanto “raça”(etnia) como alguns remetem, mas, enquanto uma construção coletiva, qual eu possa me identificar ou me apartar, se assim me aprouver. Porém, respeitando as diferentes subjetividades.

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituídas pela história

escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial. A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular. (Bittencourt, 2004, p. 121)

Para Pedro Paulo Funari (2003), a construção de identidades está relacionada também à memória. Pois, segundo Pedro Paulo Funari “a memória [...] é uma recriação constante do presente, do passado enquanto representação, enquanto imagem impressa na mente”. Ou seja; imagem muitas vezes “amalgamada”, estereotipada. Daí a importância de trabalharmos com história local, de conhecer nossa história, pois, quando reconheço a importância dos meus ancestrais, dos meus (minhas) conterrâneos (as) me sinto orgulhoso (sa) me sinto representado (da) naquelas pessoas próximas a mim que herculeamente deram suas contribuições para o evoluir da história, não foram sujeitos passivos, contribuíram para que de algum modo eu pudesse desfrutar dessa liberdade que hoje tenho, e, que ainda têm muito o que melhorar, porém, quando estudo tenho consciência que é melhor que outrora e não ao contrário, como alguns tentam sofismar ao rememorar como “tempos áureos” àquele país que era feito apenas para menos de 10% da população brasileira.

Memória pode ser definida também pelo modo como os seres humanos se lembram ou se esquecem do passado; já a História pode ser vista como a crítica da memória. Em sociedades complexas, como esta em que vivemos, a memória coletiva dá origem a lugares de memória, como museus, bibliotecas, espaços culturais, galerias, arquivos ou uma “grande” história, a história da nação. A memória nos remete à questão do tempo. Política: o termo “política” teve sua origem na Grécia antiga e foi sendo ressignificado ao longo do tempo. A palavra “política” está estreitamente relacionada à ideia de poder. Segundo Nicolau Maquiavel (1469-1527), o fundador da política como ciência, a política é a arte de conquistar, manter e exercer o poder. Já para Michel Foucault (1926-1984), o poder não se concentra somente no Estado, mas está distribuído por todo o corpo social. (Funari, 2003, p. 16)

4.2. Caderno de imagens

Seguiremos a partir de agora o percurso realizado pelos revoltosos naquele longínquo julho de 1924. Tendo como marco inicial a Praça General Valadão (local de onde os rebeldes partiram naquela noite do dia 12 para madrugada de 13 de julho) e onde estava a sede do Exército brasileiro em Sergipe.

O percurso se fará em meio a fotografias de época e atuais para os (as) alunos (as) se localizarem geograficamente e perceber as permanências e/ou continuidades em nossa paisagem urbana, espacial e arquitetônica. Lembrando que os rebeldes ainda em frente ao batalhão do Exército se dividiram em três pelotões. O primeiro seguiria o percurso da Avenida Rio Branco (Rua da Aurora, Rua da Frente). Neste ínterim cruzariam pelo Leste o Palácio da Alfândega (atual Centro Cultural de Aracaju), depois, cruzando a Praça Fausto Cardoso ainda pela Avenida Ivo do Prado, passariam pela Biblioteca Pública, Ponte do Imperador e seguiriam em frente somente entrando a direita na Rua Estância para alcançar o Quartel da Polícia Militar.

O segundo seguira pela Rua do Barão/Rua Japarutuba (atual calçadão da João Pessoa), cruzando toda a Praça Fausto Cardoso, passando em frente ao Palácio do Governo (atual Museu Palácio) que, permanecia com as portas cerradas. Porém, o pelotão segue em seu objetivo; encontrar-se com os demais companheiros e, juntos, dominarem o Quartel da Polícia. O terceiro pelotão sobe Rua Gerú, pela lateral do que hoje é a Caixa Econômica e entra a esquerda ao alcançar a Rua Santo Amaro, onde segue reto com o objetivo de cercar os fundos do Batalhão da PM, pela Rua Santa Luzia. Nesse ínterim os rebeldes cruzam por duas instituições seculares e que se digladiavam ideologicamente: a maçonaria representada pela Loja maçônica Cotinguiba, e, os católicos representados ali, praticamente lado a lado com a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.

Dominando o batalhão da PM, um dos pelotões volta a Praça Fausto Cardoso e no Palácio do Governo prendem o governador Dr. Maurício Graccho Cardoso. Enquanto o outro pelotão cruza pela estátua de outro mártir da democracia republicana em terras sergipanas: Fausto Cardoso. E, segue caminho, passando rente a APES (Arquivo Público do Estado de Sergipe). Daí seguem rumo a Estação Ferroviária (pouco depois dos mercados centrais) e desligam o telégrafo e proíbem qualquer embarque ou desembarque na cidade (para cortar os meios de comunicação).

Feito isto, deslocam-se para preparar as trincheiras na Região do Carvão (atual calçada Formosa Aracaju); cruzam toda a Praia Formosa (atual Praia 13 de Julho) e seguem reto pela antiga Ponte da Atalaia e vão para o antigo Farol da Atalaia (localizado onde hoje, em sua homenagem, chamamos Bairro Farolândia, na Avenida Murilo Dantas). Pois, uma vez apagado o farol que iluminava a Barra da Cotinguiba (atual Rio Sergipe) e toda a Costa, melhor estariam protegidos em suas trincheiras e dificultariam a ação dos legalistas. Faltava a última delas e organizaram no Rio Poxim Mirim; no local conhecido como Tramandaí; onde hoje se encontra o Bairro Jardins. Para protegerem-se de tropas que porventura viessem de São Cristóvão ou Itaporanga e cerca-los no Carvão.

Percurso da Revolta Tenentista

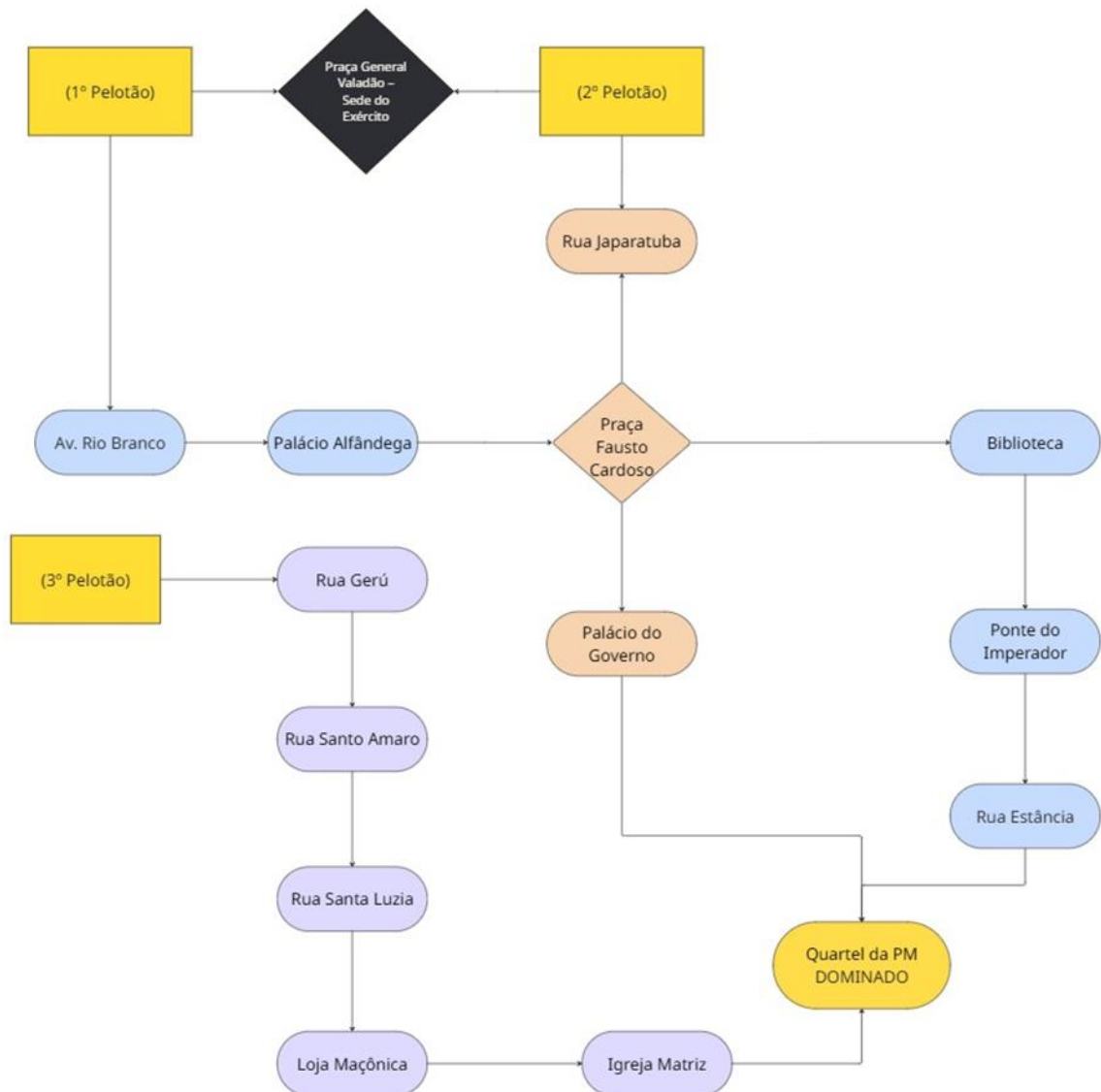


Imagem 6, mapa do percurso da revolta tenentista em 13 de julho de 1924 em Aracaju

O mais antigo prédio da Praça General Valadão (antiga 24 de Outubro), a antiga Alfândega de Aracaju foi erguida no início da segunda metade do século XIX, e, é sem dúvida, um dos prédios mais importantes do estado de Sergipe. Pois, foi a partir de sua criação que os impostos dos produtos exportados de Sergipe e importados para Sergipe ficavam neste estado, e, foi assim, que Sergipe começou a se desenvolver enquanto Estado independente. Pois, até então, mesmo com a sua independência do estado da Bahia, até a sua fundação, era lá que o faturamento dos impostos ficava. E Sergipe continuava sua dependência financeira com a antiga metrópole.



Antiga Alfândega, atual centro Cultural de Aracaju (acervo pessoal)

A Praça General Valadão concentra prédios documentais da história de Sergipe, a exemplo do hotel Palace (erguido onde antes fora o quartel do exército em Sergipe, que se transferiu após a revolução de 1930 para o local onde hoje ainda se encontra no Bairro 18 do Forte); era considerado o primeiro hotel modernista de Sergipe. A antiga sede da Cadeia Pública, hoje o prédio Serigy, da Secretaria de Estado da Saúde. E, a antiga alfândega de Sergipe (1855), depois Secretaria da Fazenda, hoje Centro Cultural de Aracaju,



Praça General Valadão (acervo pessoal, julho de 2025)



Praça Gal. Valadão. Quartel do 28º BC. na década de 1920 (foto: Amâncio Cardoso)

O 28º Batalhão de Caçadores (28 BC.), atual unidade do Exército Brasileiro em Aracaju, chegou à cidade em 1917, sendo seu primeiro quartel construído na atual Praça general Valadão (antiga Praça 24 de outubro). O batalhão mudou-se para a localização atual

no Bairro 18 do Forte (Obs.: nome do Bairro faz uma alusão a Revolta Tenentista de Copacabana em 1922) em 1942, mas o primeiro quartel original foi desativado e o terreno em que ele ficava agora abriga o Hotel Palace, no Centro de Aracaju.



(Antiga Cadeia Pública de Sergipe, foto: Amâncio Cardoso)

Localizado em frente à Praça General Valadão, no centro de Aracaju, o Palácio Serigy foi inaugurado em 28 de novembro de 1938, para abrigar as secretarias da Saúde e Agricultura. Sua arquitetura segue o estilo Art Déco. Suas características remetem ao regime ditatorial imposto na Era Vargas (1930-1945). Construções imponentes e arrojadas.

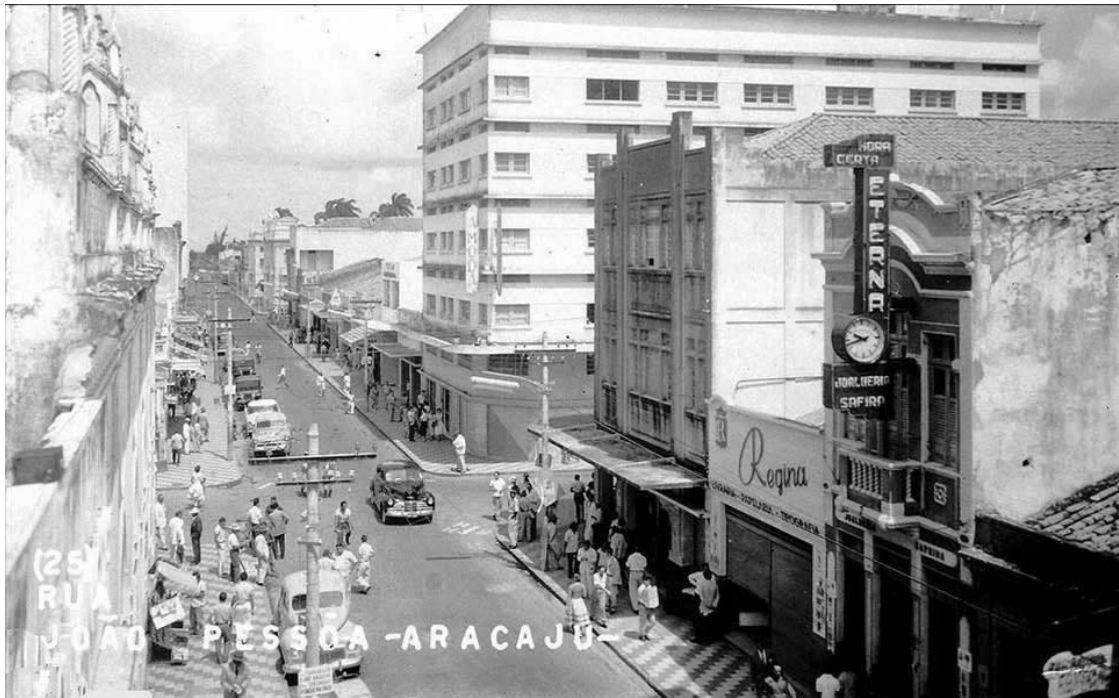
Construída no final do século XIX, a Cadeia Pública de Sergipe, popularmente conhecida como “Cadeião”, foi a primeira em Sergipe a pensar num moderno sistema prisional para a época. Segundo o historiador Amâncio Cardoso, antes de sua construção, os presos ficavam “alojados” em casebres alugados. Ainda segundo o historiador, “a ideia era que fosse uma reclusão com trabalho, que o criminoso fosse reinserido à sociedade através do trabalho, mas era algo feito com muita precariedade”. Apesar de possuir os instrumentos e material humano necessários, o sistema prisional, considerado um dos mais inovadores para os padrões de segurança pública daquela época, não foi bem administrado e acabou extinto. (Cardoso, 2024, p. 02)



Edifício Serigy (arquivo pessoal), abriga atualmente a Secretaria de Estado da Saúde.



Foto: Waldemar Neto. Rua Japarutuba (Rua do Barão), atual Rua João Pessoa (início do século XX)



(fonte: História de Sergipe)



Rua Santo Amaro atualmente (acervo pessoal)

O detalhe nesta foto a seguir é a presença marcante dos veículos da Volkswagen (fuscas), que somente começaram a circular em Sergipe a partir de 1959, quando a Volkswagen iniciou

a montagem do carro no Brasil. O que também marcou a chegada do carro no resto do Brasil. O fusca foi lançado na Alemanha na década de 1930.



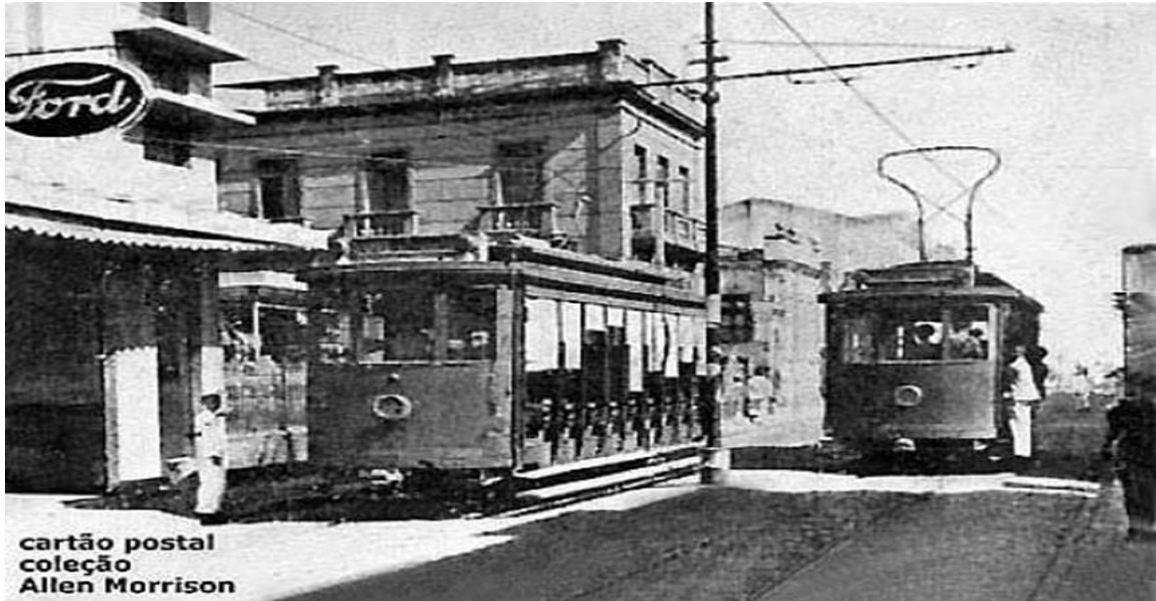
Rua Santo Amaro, final dos anos 1950 (foto: Waldemar Neto)

A Maçonaria começou atuar em Aracaju, capital de Sergipe, em 10 de novembro de 1872, com a fundação da Loja Maçônica Cotinguiba (Rua Santo Amaro nº 171, Centro). A partir da fusão de 3 lojas que não prosperaram, inicialmente foi composta por empresários de diversos segmentos, profissionais liberais, funcionários públicos e militares.



Loja Cotinguiba (acervo pessoal 2025)

Rota de acesso dos revoltosos em seu deslocamento do quartel do exército (à Praça Gal. Maynard) até alcançar o quartel da Força Pública (polícia militar), cercando o mesmo, alcançando o fundo e lateral norte do batalhão pela Rua Estância, onde se encontrara com as outras guarnições que marcharam pela Rua da Aurora (Av. Rio Branco e Ivo do Prado) e a outra pela Rua Japarutuba (atuais ruas João Pessoa e Pacatuba), encontrando-se ambas na Rua Itabaiana (frente do quartel).



(Autor: Grace Melo / Jornal Folha da Praia, setembro | Postado em: 03 de outubro de 2011)

Os bondes elétricos começaram a operar em Aracaju em 1926 e, após servir a cidade e sua população por décadas, com várias linhas, inclusive pelo Centro da cidade, foram desativados no início dos anos 1950 devido a necessidade de um transporte mais moderno para a crescente população. No Centro da cidade havia a linha 06 - Joaquim Inácio, que atendia a algumas ruas centrais. (Melins, 2009, p. 32)



Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (foto: Waldemar Neto)

A construção da Catedral Metropolitana de Aracaju (Igreja Nossa Senhora da Conceição) foi iniciada em 1862 e concluída em 1875. Sendo inaugurada como Igreja Nossa Senhora da Conceição. Ela se tornou Catedral Metropolitana em 1910, com a criação da Diocese de Aracaju. Várias pessoas da sociedade da época contribuíram para que sua construção se materializasse, fazendo doações em espécie que eram devidamente divulgadas em jornais da época como prestações de conta regularmente, principalmente no *Jornal do Aracaju*.

No ano de 1916, foi erguido em frente a Catedral metropolitana uma estátua do Monsenhor Olímpio Campos que tem seus restos mortais enterrados na Catedral Metropolitana.

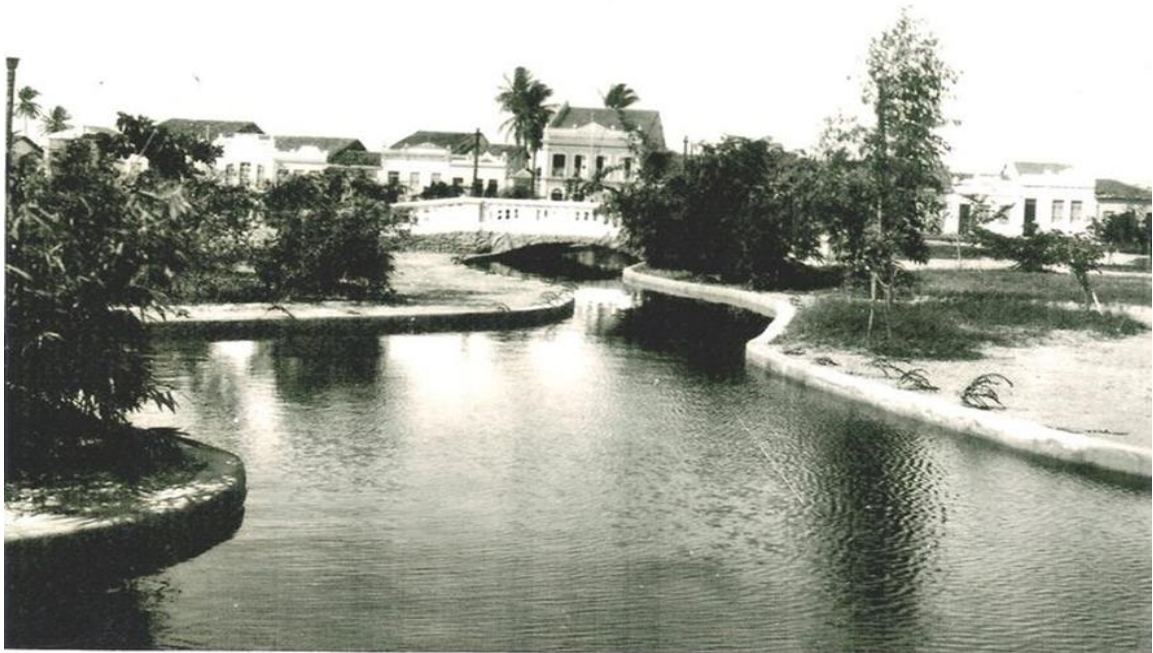


Estátua do Monsenhor Olímpio de Souza Campos, ao fundo a Catedral metropolitana de Aracaju.

A Rua do Turista (Antiga Escola Normal) foi fundada em 1911, entre o calçadão da Rua Laranjeiras e Rua Propriá; durante muitas décadas formou as normalistas em Sergipe até transferir-se nos anos 50 para a Rua laranjeiras onde hoje ainda se encontra o IERB (Instituto Educacional Rui Barbosa) de caráter misto (para ambos os sexos). A Rua do Turista expõe artesanatos, culinária e culturas sergipanas e tem um cinema cultural (Cine-vitória).



(foto: jornalista Cláudio Nunes)



Acima, Lago do Parque Teófilo Dantas (Praça Olímpio Campos), pelo fundo da Catedral; ao fundo, os casarios da Rua Capela. (foto: Waldemar Neto)



Revoltosos passando em frente ao Palácio do Governo em julho de 1924 (foto: ten. José Correia).



Monumento em homenagem às vítimas da Covid-19 (acervo pessoal, julho de 2025)

O projeto do monumento “Árvore de Lágrimas”, foi inaugurado em novembro de 2022, e é de autoria da arquiteta e urbanista Alana Lúcia Melo. Às lágrimas são pelas mais de 700.000 de vidas perdidas no Brasil e pelos mais de 6.500 óbitos em Sergipe de 2020 a 2023 (segundo fonte do programa “Todos contra o Corona” do governo do estado de Sergipe) e, localiza-se em ponto estratégico: em frente ao Museu Palácio de Sergipe (antiga sede do governo estadual). Um local que fora palco de fatos marcantes de nossa história; como a morte de fausto Cardoso em 1906, a prisão do presidente do estado (Graccho Cardoso) em 1924 durante a Revolução Tenentista e a deposição e prisão do governador do estado (João de Seixas Dória) em 31 de março de 1964, com a deflagração do golpe militar.



Biblioteca Pública do Estado (segunda década do século XX), Praça do Paço, futura Praça Fausto Cardoso. As canoas estão ao lado da Ponte do Imperador (foto: jornalista Claudio Nunes)



Forças revoltosas na Rua Japarutuba ao lado de burros e transeuntes (foto: ten. José Correia)



(fonte: Álbum de Sergipe)

Do lado esquerdo em direção contrário ao rio, ficam os prédios da Assembleia Legislativa de Sergipe e o Palácio da Justiça Tobias Barreto, onde antes funcionou um dos primeiros hotéis de Aracaju: o hotel Rubina (1920). Os coretos e as estátuas que ladeiam o espaço público foram projetadas e adornadas por uma missão italiana inspirada em palácios de Florença, na Itália, inspirados nas quatro estações. Na praça se encontra também, ao centro, a primeira estátua pública de Sergipe: a de Fausto Cardoso. Ao lado direito da praça ficavam os prédios da delegacia fiscal do Ministério da Fazenda, também conhecido como Palácio Carvalho Neto (Tombamento por meio do Decreto nº 15 989, de 24 de julho de 1996) e a Biblioteca Pública, datados dos anos 30, antigas sedes da Receita Federal e Arquivo Público do Estado. Suas estruturas praticamente permanecem as mesmas.



APES: Arquivo Público de Sergipe a sua esquerda e Biblioteca Pública do Estado a direita, 1930 (foto: Waldemar Neto)

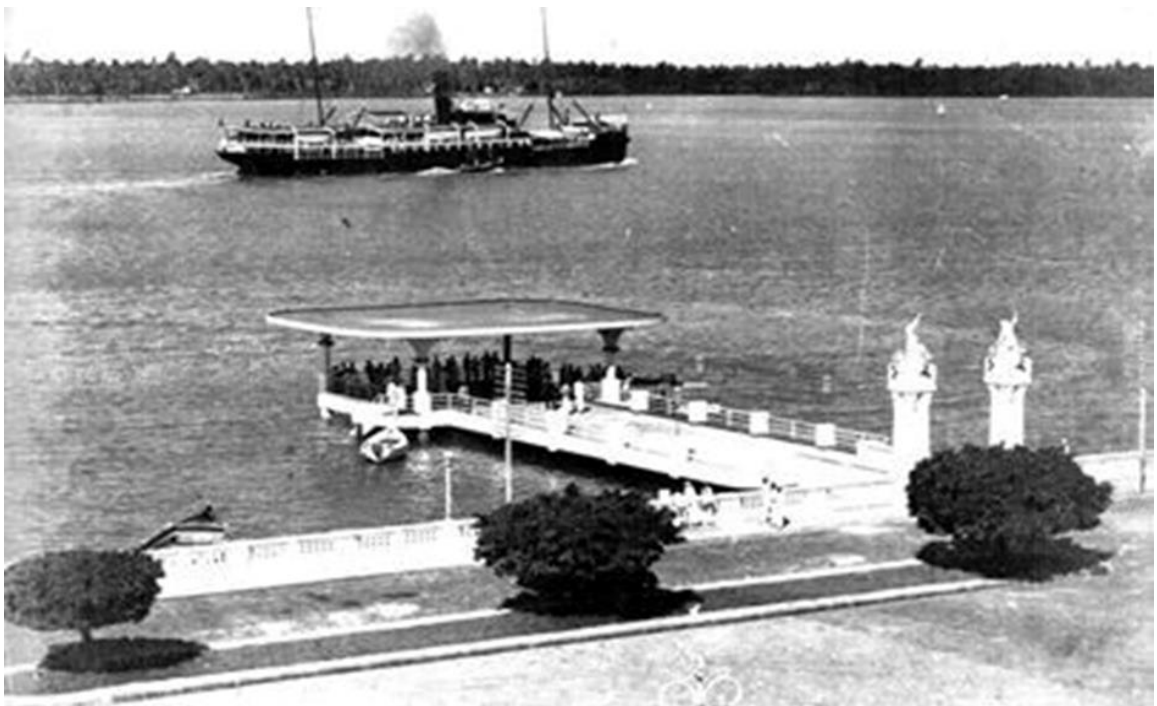


Estátua do poeta e tribuno Fausto Cardoso (acervo pessoal, julho de 2025)

A praça anteriormente chamada de Praça do Imperador, Praça do Palácio, Praça da República e Praça Tiradentes, foi batizada de Fausto Cardoso em 1912 e recebeu uma estátua do poeta e deputado ali assassinado em 1906 (é a primeira estátua de Sergipe), no episódio em que ficou conhecido como “*A Tragédia de Sergipe*”. A intenção era homenagear o deputado estadual assassinado em agosto de 1906. O crime foi consequência de um confronto de um político ideológico entre os liberais que Fausto Cardoso representava e os conservadores, cujo líder era o Monsenhor Olímpio Campos. Fausto Cardoso fazia discursos inflamados contra os conservadores e não aceitava Olímpio Campos no comando de um Estado republicano.



Ponte do Imperador (acervo pessoal, julho de 2025)



(acima, Ponte do Imperador, 1930, foto de Waldemar Neto, Jornal da Cidade, 2015)

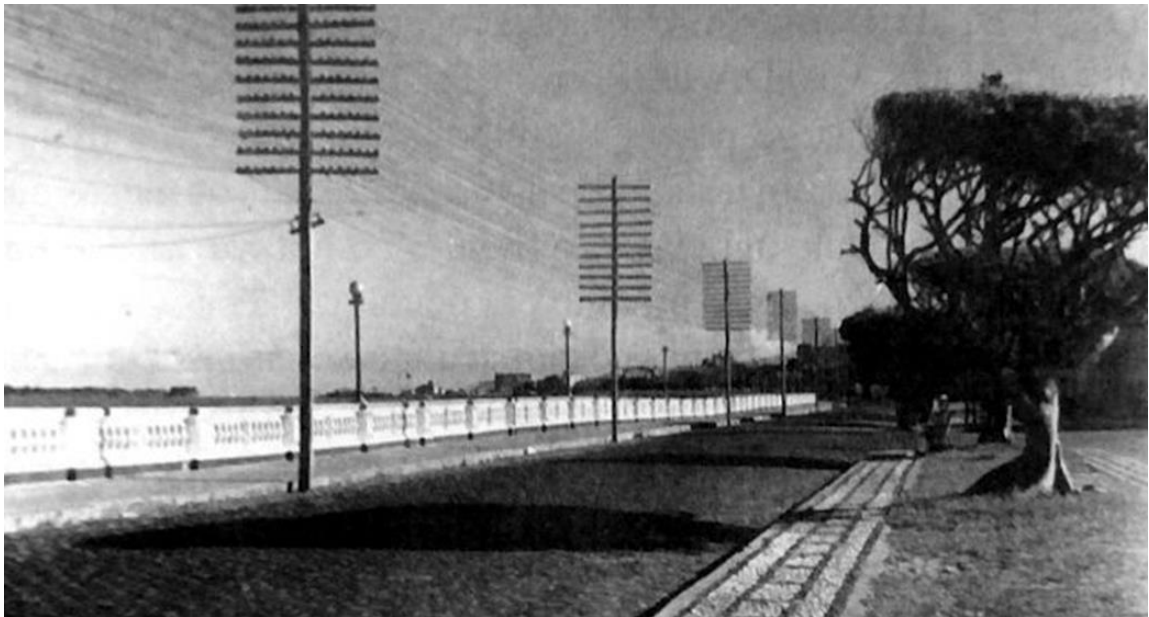


Quartel da Polícia Militar de Sergipe, antiga Força Pública (acervo pessoal, 2025)

Local do primeiro embate das tropas revoltosas que dominaram a força pública (Polícia militar) e seguiram rumo ao palácio do governo (Praça Fausto Cardoso) para prender o presidente da província, Dr. Maurício Graccho Cardoso e familiares, subvertendo a ordem com um governo provisório nomeado pelos revolucionários. O palacete hoje tombado foi fundado em 15 de março de 1914, sob o nome de Grupo Escolar Central, em fins da gestão do presidente do Estado de Sergipe, José Antônio Siqueira de Menezes (1852-1931). Criado em 1911, e até então funcionava em anexo a Escola Normal. E somente na década de 1920 passa a abrigar o Batalhão de Polícia; funcionando até os dias atuais. (porém, o antigo prédio como podemos observar na imagem acima se encontra em reforma)



Avenida Ivo do Prado (antiga Rua da Aurora) próximo à Praça Getúlio Vargas (mini-golf), em frente a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), antigo casarão da família Rolemberg; década de 1920. (foto: arquiteto Rubens Chaves)



Fonte: Jornal de Sergipe Jornal da Cidade Pôster da Cidade Livro: Aracaju (Rubens Chaves) - Arquivo da PMA Arquivo Municipal da Prefeitura Municipal de Aracaju



Vista panorâmica da parte leste da cidade, Bairro São José até o Industrial.

(foto: Amâncio Cardoso 2011)



Praia 13 de Julho (Acervo pessoal, julho de 2025)

Antiga Praia Formosa, até a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas ascende ao poder e nomeia Augusto Maynard Gomes como interventor federal em Sergipe, e, por decreto, em homenagem ao movimento tenentista em Sergipe e das trincheiras formadas neste local na década anterior, nomeia este lugar como Praia 13 de Julho e, respectivamente, Bairro

13 de Julho, em alusão a data da eclosão da revolta tenentista de Sergipe, que, Augusto Maynard fora um dos líderes, em 13 de julho de 1924.

Na imagem é perceptível na outra margem do Rio Sergipe, o município de Barra dos Coqueiros, o antigo atracadouro das lanchas da Atalaia Nova, a Foz do Rio Sergipe encontrando-se com o oceano e na mesma margem mais a frente a Coroa do Meio.



Calçadão Formosa Aracaju, Praia 13 de Julho (Acervo pessoal 2025)



Antiga Praia Formosa, hoje 13 de Julho (em homenagem a deflagração da Revolta Tenentista em Sergipe), lugar conhecido à época como Carvão, onde posteriormente foi

construído o Iate Clube de Aracaju. Na outra margem do Rio Sergipe, avistamos a cidade de Barra dos Coqueiros. (foto: Andreza Maynard, 2008).



Calçadão Formosa Aracaju, Praia 13 de Julho, antiga região do Carvão (Acervo pessoal 2025)



Reserva Ecológica do Tramandaí (acervo pessoal 2025)

Imagem da Região conhecida como Tramandaí, atualmente completamente devastada pela urbanização, lhe resta apenas algumas restingas do antigo manguezal e um canal para transportar os dejetos sanitários em meio ao seu manancial aquífero da pouca restinga que ainda vos resta no atual Bairro Jardins na Zona Sul da cidade.



(acervo pessoal, julho de 2025)



Canal da Reserva Ecológica do Tramandaí (julho de 2025)

A referida reserva é margeada pela Avenida Ministro José Barreto Sobral que mais a frente, sentido Sul, encontra-se um grande Shopping Center da cidade; razão que acelerou a urbanização da região no século XXI, e, conseqüentemente, a devastação ambiental e poluição na mesma.



(Álbum de Sergipe)

Esse antigo farol foi construído em 1891 e servia para guiar as embarcações que adentravam na Barra da Cotinguiba (como era chamado o Rio Sergipe á época) e mesmo as embarcações que cruzavam nossa Costa com destino ao Sul ou Norte do país. Durante muito tempo esse farol fora único sinal luminoso que norteava as embarcações, haja vista que não existia iluminação elétrica ainda em Sergipe, e, quando esta chegou era precária, a querosene, e somente nas ruas centrais e mais importantes da cidade.

Somente com a construção do moderno farol na Coroa do Meio em 1990 é que o antigo farol foi desativado e, o seu entorno transformou-se em atrativo e valorizado núcleo residencial, com direito a uma universidade particular de renome. Em sua homenagem o referido núcleo residencial recebeu o nome de Farolândia.

Sabendo da importância do farol para as embarcações que chegavam a Sergipe, os revoltosos não demoraram e, como uma de suas primeiras medidas para atrapalhar a repressão das tropas legalistas que não iriam tardar chegar de outros estados para sufocar a revolta a mando de Arthur Bernardes. Eles apagaram o farol, e, em seguida, dirigiram-se à Estação Leste Ferroviária, nessa época ainda nas imediações dos mercados centrais, ao chegar cortaram todos os sinais, telégrafos e impedindo o tráfego ferroviário (pois, era o meio de transporte de pessoas e de cargas mais utilizado no contexto), deixando com isto o estado ilhado, incomunicável.



Bairro Farolândia na Zona Sul de Aracaju — Foto: Marcílio Nocrato, TV Sergipe (2025).

Em Aracaju a antiga Estação de Trem estava localizada próxima ao antigo cais do porto da Rua da Frente, nas imediações do novo Mercado de Aracaju. O trem chegava à Estação pela antiga Avenida Artur Bernardes, atual Avenida Coelho e Campos, onde, na década de 70, ainda era possível ver os trilhos que restaram da linha férrea.

Segundo Murillo Melins, em seu livro “Aracaju Romântica que vi e vivi anos 40 e 50”, informa que a Estação era uma construção com linhas arquitetônicas simples, como a maioria das estações ferroviárias da época ladeada por extensas plataformas. No alto da fachada da edificação, via-se impresso: 1911, ano da inauguração do prédio, e início do caminho de ferro em plagas sergipanas. Em sua estrutura, constavam as seguintes instalações: Armazém para a expedição de mercadorias; Salões para passageiros de 1ª e 2ª classes; Salão de bilheterias, Salas de Telégrafo, Inspetoria, Administração; Armazém de recepção de mercadorias e uns poucos sanitários. (Melins, 2015)



Fachada da Antiga Estação 1911 (Álbum de Sergipe)

O trem chegou a Sergipe em 1913, como parte do plano de prolongamento do ramal de Timbó (atual Cidade de Esplanada, na Bahia), na linha que ligaria a Estação de São Francisco em Alagoinhas (na Bahia) a Sergipe. A Companhia Chemins de Fer Federaux du L'Est Brésilien administrou a linha Férrea de 1913 a 1935. A partir de 1935 passou a ser

administrada pela V. F. F. Leste Brasileiro até 1975 e pela RFFSA (Rede Ferroviária Federal S.A.) de 1975 a 1996. Atualmente é administrada pela Companhia FCA (Ferrovia Centro Atlântica). (Melins, 2015, p. 86)



Antiga Estação (Álbum de Sergipe 1820 – 1920)

4.3. Sequência Didática

Público-alvo: Alunos do 9º ano – Ensino Fundamental

Carga horária: 6 aulas

Período: 2 semanas (podendo se ampliar em forma de projeto)

Disciplina: História

Objetivo Geral: Promover a prática da pesquisa histórica com foco na história local, valorizando o patrimônio material e imaterial de Aracaju, de modo a fortalecer o sentimento de pertencimento e a compreensão da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe, articulando história local, regional e nacional.

Objetivos Específicos:

- Identificar e analisar diferentes fontes históricas sobre a Revolta de 1924 em Sergipe.
- Refletir sobre os conceitos de patrimônio, memória e identidade.
- Reconhecer a importância da história local dentro do contexto da República Velha e do movimento tenentista.
- Desenvolver habilidades de pesquisa, leitura crítica e produção histórica.
- Produzir registros (textuais, visuais e orais) sobre a memória da Revolta e sua relação com a cidade.

Objetos de Conhecimento:

- Patrimônio histórico e cultural
- Memória e identidade
- Fontes históricas (orais, escritas e imagéticas)
- Revolta Tenentista de 13 de julho de 1924 em Sergipe

Habilidades da BNCC:

- EF09HI01 – Identificar os diferentes usos do passado nas vivências sociais e culturais.

- EF09HI02 – Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história sergipana e nordestina.
- EF09HI08 – Analisar as diferentes formas de registro da memória e da história local.
- EF09HI23 – Utilizar procedimentos de pesquisa e fontes diversas para construir narrativas sobre o passado.

Habilidades desenvolvidas:

- Capacidade de leitura de fontes.
- Entendimento de Consciência Histórica.
- Conhecimento sobre a História da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe.
- Reconhecimento da importância da História local e da sua ligação com a história nacional.
- Assimilação do fazer histórico por meio dos métodos utilizados.

Justificativa: A BNCC exige o estudo da história local e das particularidades regionais da República Velha (EF09HI02). Contudo, os livros didáticos frequentemente omitem a Revolta Tenentista em Sergipe, limitando-se a São Paulo, Mato Grosso e à Coluna Prestes. Assim, cabe ao professor de História trazer à sala de aula o estudo da Revolta de 13 de julho de 1924 em Aracaju, aproximando os alunos de sua própria realidade. A sequência busca unir história, memória, identidade e patrimônio, com base em autores como Circe Bittencourt (1998; 2004), que destaca o papel da História escolar na constituição de identidades, e Pedro Paulo Funari (2003), que relaciona memória à construção identitária. Dessa forma, o ensino de História ganha sentido para o aluno, estimulando pertencimento, cidadania e consciência crítica.

Material Didático que servirá de Apoio: Textos publicados na imprensa, fotografias e vídeos.

Etapas da Sequência

Etapa 1 – Diagnóstico (1 aula)

Objetivo: Levantar os conhecimentos prévios sobre história local e contextualizar a Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe.

Atividade:

Professor/a, nesta etapa você deve introduzir o assunto que será trabalhado durante a aula, aproveitando para identificar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do tema.

Podem ser usadas imagens de Aracaju na década de 1920 e no período atual para estimular a curiosidade dos alunos e, em seguida, promover uma roda de conversa com os estudantes a partir de perguntas geradoras:

- Você conhece algum prédio/lugar antigo em Aracaju?
- Sua família conta histórias sobre o bairro?
- O que entende por revolta?
- Você sabe onde fica o quartel do exército?
- Você já visitou o bairro 13 de Julho?

Ao final da discussão, pode-se confeccionar um mapa afetivo ou linha do tempo inicial da história local.

O texto de apoio a seguir pode ser lido durante a aula, ou enviado para os alunos lerem em casa e retomar a discussão na aula seguinte.

Texto de Apoio:

O dia 13 de julho e a História de Sergipe

Andreza Maynard

Há 88 anos Sergipe viveu um dos capítulos mais emocionantes de sua História. O fato pouco conhecido pela população em geral foi a revolta de 13 de julho de 1924. O tumulto começou ainda de madrugada no quartel do Exército, que à época estava localizado na Praça 24 de Outubro, atual General Valadão. De lá o capitão Eurípedes Esteves de Lima, e os tenentes Augusto Maynard Gomes, João Soarino de Mello e Manoel Messias de Mendonça ordenaram a ocupação de prédios públicos e a prisão das autoridades que discordavam do

levante, a exemplo do comandante do 28º BC, major Jacintho Dias Ribeiro, e do governador Maurício Graccho Cardoso.

171 civis se alistaram no dia 13 de julho, afirmando quererem lutar ao lado dos rebeldes. Mas a movimentação de tropas pelas ruas e a construção de trincheiras nas praias deixaram alguns aracajuanos receosos ao ponto de fecharem suas casas e irem para o interior, facilitando a vida dos ladrões que arrombavam residências e estabelecimentos comerciais. Até mesmo a Catedral foi invadida, mas nada foi levado. Comentava-se à época que os ladrões não haviam encontrado nada que lhes agradasse.

Os militares rebeldes enviaram tropas para São Cristóvão, Itaporanga, Rosário do Catete e Carmópolis. Depois disso a população começou a retornar para Aracaju. A movimentação das tropas legalistas comandadas pelo general Marçal Nonato de Faria inquietava os líderes da revolta em Sergipe e alarmava os moradores das cidades por onde passavam.

Por fim os rebeldes viram-se num redil. Tropas enviadas pelo Governo Federal avançavam pelo norte e sul do estado. E o contratorpedeiro Alagoas posicionava-se a oeste, de frente para Aracaju. Sem comunicação, cercados por todos os lados e contando com o desafeto dos coronéis do interior, os líderes da revolta fugiram e os praças ficaram atônitos, facilitando o avanço das tropas legalistas. A população se dividia entre os que estavam aliviados pelo retorno à normalidade e os que lamentavam a perda de uma oportunidade de mudança generalizada na política nacional e local.

A Revolta de 13 de Julho chegou ao fim no dia 2 de Agosto de 1924. Graças às suas convicções os quatro oficiais foram presos e amargaram alguns anos no cárcere, sendo anistiados por Getúlio Vargas em novembro de 1930. Eurípedes, Maynard, Soarino e Manoel Messias afirmaram lutar em defesa de uma República livre de corrupção. Muitos brasileiros continuam perseguindo esse ideal, mas os tempos são outros, bem como a arma utilizada nessa batalha.

Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/educacao/o-dia-13-de-julho-e-a-historia-de-sergipe/> <Acesso em 15 de julho de 2025>.

Etapa 2 – Desenvolvimento (3 aulas)

Objetivo: Estudar a Revolta de 1924 em Sergipe, articulando memória, patrimônio e história local.

Atividades:

Professor, neste momento vamos aprofundar as discussões iniciadas na contextualização. Para tanto, vamos usar essa aula de maneira expositiva. Sugerimos:

- Aula expositiva com imagens e mapas de Aracaju em 1924.
- Leitura de documentos, jornais e trechos de entrevistas.
- Exibição de trechos de filmes ou reportagens sobre o tenentismo.
- Visita de campo (ou virtual) a locais e prédios históricos relacionados ao percurso da Revolta.
- Registro fotográfico do patrimônio visitado.
- Visita à Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), um espaço importante de preservação de jornais e periódicos produzidos desde o final do século XIX até os dias atuais em Sergipe.
- Visita virtual ao acervo de jornais sergipanos de 1871 a 2004 que foram digitalizados. O acervo pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e foi disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em : <https://jornaisdesergipe.ufs.br/> <Acesso em 10 de julho de 2025>

Obs.: O professor pode escolher algum, ou alguns, materiais de apoio, para compartilhar com a turma, ou com os grupos formados.

Recursos didáticos: Slides, vídeos, jornais antigos, fotos de arquivos pessoais, mapas históricos, textos informativos.

Materiais de apoio

Vídeo 1:

Compilado de entrevistas com especialistas sergipanos sobre a Revolta tenentista de 1924 em Sergipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKbmnffK5Xc> <Acesso em 20 de julho de 2025>

Vídeo 2:

Live do Canal Expressão Sergipana com especialista sobre a Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=eGpzuJBwXHg&t=370s> <Acesso em 20 de julho de 2025>

Texto:

A revolta tenentista de 13 de julho de 1924

Andreza Maynard

Madrugada. No quartel do 28º Batalhão de Caçadores, os soldados são acordados às pressas e recebem ordens de prontidão. Militares armados se deslocam pelas ruas de Aracaju em direção ao Palácio do Governo e à guarnição do Batalhão Policial. Tiros são disparados. Um automóvel para em frente à residência do governador. Graccho Cardoso sabia que aquela não era uma visita de cortesia. O que ele desconhecia era que Sergipe assistia ao início da revolta tenentista de 13 de julho de 1924.

Aquilo tudo era tão novo, que sequer tinha nome. Só décadas mais tarde os historiadores atribuíram à série de levantes ocorridos nos quartéis do exército, entre a década de 1920 e 1935, a definição de tenentismo. Isso porque tais insurreições foram lideradas por oficiais de baixa patente, sobretudo os tenentes.

No caso de Sergipe, o capitão Eurípedes Esteves de Lima, junto com os tenentes João Soarino de Melo, Augusto Maynard Gomes e Manoel Messias de Mendonça lideraram uma revolta iniciada no quartel do exército e tomaram o controle do estado.

O comandante do 28º BC, major Jacinto Dias Ribeiro, foi rendido e mantido prisioneiro junto com outros oficiais e autoridades, dentre os quais estava o governador. O prefeito de Aracaju optou por se afastar da cidade. Já o 2º tenente médico Erônides Ferreira de Carvalho viajou até Propriá para encontrar o coronel Francisco de Porfírio, a pedido de Graccho Cardoso. Sua missão consistia em enviar 2 mensagens telegráficas, uma ao presidente Arthur Bernardes e outra ao coronel Marçal Nonato de Farias, na Bahia, para comunicar sobre o que havia acontecido.

E se, por um lado, a revolta em Sergipe tornou evidente o bom entendimento entre Graccho Cardoso e o coronel Francisco Porfírio de Brito, por outro, evidenciou que nem todos os coronéis faziam oposição aos rebeldes. No dia 19 de julho, o *Diário Oficial do Estado* publicou um telegrama no qual o pai do 1º tenente Augusto Maynard o parabenizava e

fazia “votos pela vitória da causa que nós abraçamos e que tu, com tanta abnegação e patriotismo, defendes”. A correspondência era assinada pelo “coronel Manoel Gomes da Cunha”.

Os rebeldes afirmavam estar lutando pela moralização do sistema republicano, numa alusão às fraudes comuns durante os períodos eleitorais. Quando os rebeldes tomaram o poder em Sergipe, lançaram um manifesto à população garantindo que permaneceriam no governo até que alguém fosse escolhido democraticamente pelo povo.

Outro ponto sensível dizia respeito à indisposição do Exército com o presidente Arthur da Silva Bernardes, acusado de ter escrito cartas nas quais o marechal Hermes da Fonseca, figura de prestígio entre os militares, era chamado de “sargentão sem compostura”. Mais tarde foi provado que as cartas eram falsas, mas à época serviu para aumentar a tensão entre civis e militares.

A exemplo dos colegas de farda paulistas, que haviam se rebelado em 5 de julho de 1924, os revoltosos sergipanos exigiam a deposição do presidente Arthur da Silva Bernardes. Os insurretos acreditavam que iriam conseguir o apoio de outras unidades militares, o que não ocorreu. Pelo contrário, forças da Bahia, de Alagoas e Pernambuco foram enviadas para restaurar a ordem.

Em 1924, além de desrespeitarem a hierarquia militar, os rebeldes desobedeceram às leis brasileiras e usaram dispositivos como a força e o autoritarismo. Ao invés de garantirem o cumprimento da Constituição, de assegurarem a ordem pública, os rebeldes fizeram o oposto. Eles foram isolados e cercados. A revolta capitulou em 2 de agosto. Os líderes da revolta fugiram; todavia, acabaram presos e punidos com severidade.

Contudo, a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, mudou a sorte dos oficiais que lideraram as insurreições tenentistas. Naquele mesmo ano, Augusto Maynard Gomes foi nomeado interventor federal, cargo que ocuparia até 1935. Outrora acusado de traidor e condenado a vários anos de reclusão, Maynard retornava a Sergipe como autoridade máxima do estado. Ele iria encontrar Erônides de Carvalho no 28º BC. As divergências entre os dois não haviam ficado no passado e se tornariam cada vez mais evidentes. A participação dos militares na política, nacional e sergipana, estava longe de ser uma página virada na História.

Texto disponível em <https://infonet.com.br/blogs/getempo/a-revolta-tenentista-de-13-de-julho-de-1924/> <Acesso em 20 de julho de 2025>

Sugestão de trajeto para uma visita de campo, ou virtual:

Percurso:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1P8-UGn9n1HJES-2s6LTaJFF5ba_WbHA&usp=sharing

- Coluna 1 – Rota Histórica (Centro Político e Arquitetônico)

Início: Praça General Valadão

- ➔ Avenida Ivo do Prado (*também conhecida como Rua da Frente*)
- ➔ Praça Fausto Cardoso (*núcleo jurídico e cultural da cidade*)
- ➔ Palácio Olímpio Campos (*símbolo do poder político estadual*)

- Coluna 2 – Rota Beira-Mar (Panorâmica e Naturalista)

Início: Praça General Valadão

- ➔ Rua João Pessoa (*antiga Japarutuba, Rua do Barão*)
- ➔ Cruza o Palácio Olímpio Campos
- ➔ Segue até a orla da Praia Formosa / Av. 13 de Julho
- ➔ Avenida Beira-Mar → Farol da Atalaia

- Coluna 3 – Rota Alternativa (Cultural e de Resistência)

Início: Praça General Valadão

- ➔ Hotel Palace, antiga localização do 28º BC.
- ➔ Loja Simbólica Cotinguiba (**Maçonaria**)

_ Catedral Metropolitana de Aracaju (Igreja **Nossa Senhora da Conceição**)

- ➔ Antiga Estação Ferroviária

Etapa 3 – Sistematização / Produção (1 aula)

Objetivo: Produzir narrativas históricas sobre a Revolta e sua memória.

Professor, esta etapa objetiva sistematizar os conhecimentos dos estudantes a respeito do tema trabalhado durante a aula. A atividade deve servir como forma de evidência daquilo que os estudantes aprenderam, tornando visíveis os objetivos de aprendizagem alcançados ao longo da aula, ainda que parcialmente. Sugerimos que a turma seja organizada em duplas e que cada uma receba os materiais a serem analisados;

Sugestões de produtos finais (em grupos):

- Entrevista com moradores mais velhos ou familiares.
- Produção de um mural histórico ou linha do tempo ilustrada.
- Elaboração de mapas comparativos (1924 e atualidade).
- Criação de podcasts ou vídeos curtos sobre o evento.

Etapa 4 – Avaliação (1 aula)

Objetivo: Professor, esta etapa objetiva avaliar os conhecimentos dos estudantes a respeito do tema trabalhado durante as aulas anteriores.

Sugestão prática:

- O professor pode entregar **1 ficha por aluno** (autoavaliação) e **1 ficha por grupo** (avaliação coletiva).
- No caso da avaliação por pares, cada grupo pode preencher uma ficha rápida sobre a apresentação dos colegas.

Segue abaixo o modelo de ficha para autoavaliação e avaliação em grupo. O professor pode imprimir e entregar aos alunos (ou adaptar para formulário digital, se preferir).

Ficha de Autoavaliação / Avaliação em Grupo

Projeto: A Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe
Aluno(a)/Grupo: _____

Critério	<input type="checkbox"/> Muito bom	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Precisa melhorar
O que aprendi (Compreensão da Revolta)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fontes usadas (jornais, fotos, entrevistas, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criatividade (apresentação do trabalho)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalho em equipe (ou esforço individual)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reflexão (memória, patrimônio e identidade)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Reflexão Final

- **O que mais aprendi neste trabalho foi:**

- **O que posso melhorar da próxima vez é:**

Referências da Sequência Didática:

ANDRADE, Santos Adailton dos; **Sociedade Sergipe e Cultura**, 2015

Antônio Wanderley de Melo Corrêa & ANJOS, Marcos Vinícius Melo dos. **História de Sergipe no currículo: As habilidades do Currículo de Sergipe e o Ensino de História**. - Aracaju: Infographics, 2024.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 134. (Repensando o ensino).

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 121. (Docência em formação).

BOULOS, Alfredo; **História, sociedade e cidadania** (9º Ano), 2ª ed. São Paulo, FTD, 2024.

CARDOSO, Amâncio; **Palácios de Aracaju**, Postado em 2024.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella; — **Metodologias ativas: sequências didáticas**, 1. Ed. São Paulo: FTD, 2016.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP; Papirus, 2003)

FREITAS, Itamar. **O Tenentismo no livro didático**. Palestra proferida no Memorial de Sergipe, Universidade Tiradentes. Aracaju, 4 jun. 2007.

MELLINS, Murilo. **Aracaju Romântica que vi e vivi anos 40 e 50**, Infographics, Aracaju, 2015.

NETO, Waldemar; **Selos da História de Sergipe**. Postado às 02: 05 de 22 de novembro de 2024.

5. Considerações finais

A análise da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe revela não apenas um episódio singular da história local, mas também um acontecimento intrinsecamente ligado às transformações políticas e sociais que marcaram o Brasil nas primeiras décadas do século XX. O movimento, protagonizado por militares que contestavam o coronelismo e defendiam bandeiras como o voto secreto, a descentralização do poder e melhores condições de vida para a população, demonstra a presença ativa de Sergipe nos debates e conflitos nacionais.

A permanência desse acontecimento à margem do ensino de História na Educação Básica demonstra como a historiografia escolar, muitas vezes centralizada em eventos de maior repercussão nacional ou internacional, negligencia a importância da história regional. Tal ausência compromete a formação de uma consciência histórica crítica, na medida em que priva os estudantes de reconhecerem sua própria comunidade como sujeito histórico. Inserir a Revolta Tenentista de 1924 nos currículos escolares significa romper com a lógica de invisibilidade, possibilitando que os jovens compreendam que sua localidade esteve, e continua estando conectada às dinâmicas de transformação política do país.

A ausência desse conteúdo nos currículos da Educação Básica contribui para perpetuar uma visão fragmentada da história, que muitas vezes marginaliza o papel das regiões na formação do país. Ensinar a Revolta Tenentista de 1924 nas escolas é, portanto, um passo fundamental para fortalecer a consciência histórica dos estudantes, promovendo o sentimento de pertencimento e a valorização da memória coletiva.

Ao colocar os alunos em contato com fontes históricas, como jornais, fotografias e relatos da época, o ensino desse tema favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de relacionar passado e presente e do entendimento de que a história local está conectada a processos mais amplos, de alcance nacional e mundial.

Assim, a inclusão da Revolta Tenentista de 1924 no ensino de História da Educação Básica representa não apenas o resgate de uma memória silenciada, mas também a oportunidade de formar cidadãos conscientes de sua identidade e capazes de atuar criticamente na sociedade. Essa perspectiva contribui não apenas para o desenvolvimento de

habilidades críticas e interpretativas, mas também para a construção de uma identidade coletiva que valoriza a memória histórica sergipana.

Portanto, o ensino da Revolta Tenentista de 1924 em Sergipe, integrado ao currículo da Educação Básica, não deve ser visto apenas como uma recuperação de um evento específico, mas como uma ação política e pedagógica de resistência à exclusão histórica. Trata-se de reconhecer que a história local é parte constitutiva da história nacional e que sua valorização é essencial para formar cidadãos capazes de compreender o passado, interpretar o presente e intervir no futuro de forma consciente e crítica.

6. Referências Bibliográficas:

ANDRADE, GEOVANI ANICIO. **O Levante dos Tenentes como fenômeno jornalístico: A narrativa do Correio da Manhã'** 23/09/2018 144 f. Mestrado em HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (RJ), Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV.

ARENDDT, Hanna. **A Condição Humana**; 8ª Ed., tradução: Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ARENDDT, Hanna. **As Origens do Totalitarismo: antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**; São Paulo; Editora Schwarcz; 2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**; Paris-França: Zahar, tradução brasileira 2002.

BURKE, Peter. **O Que É História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas Simbólicas**; São Paulo; Perspectiva; 2013.

BRAVO, Guilherme Pigozzi. **EM GUARDA CONTRA O LATIFÚNDIO: TENENTISMO E REFORMA AGRÁRIA (1930-1935).**' 01/08/2016 222 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA

CASTRO, Maria Clara Spada de. **A Revolta de 1924 em São Paulo: para além dos tenentes.**' 30/11/2022 311 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO.

CASTRO, Maria Clara Spada de. **ALÉM DA MARCHA: A (RE) FORMAÇÃO DA COLUNA MIGUEL COSTA - PRESTES'** 14/12/2016 171 f. Mestrado em História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Guarulhos Biblioteca Depositária: campus Guarulhos.

COUTINHO, Carlos Nelson; e HENRIQUES, Luíz Sérgio. **GRAMSCI, Antonio, 1891-1937; Tradução de Quaderni Del Carcere**, Editora José Olímpio, Rio de Janeiro, 2023.

Corrêa, Antônio Wanderley de Melo e Anjos, Marcos Vinícius Melo dos. **História de Sergipe no currículo: As habilidades do Currículo de Sergipe e o Ensino de História**; Aracaju: Infographics, 2024).Currículo de Sergipe [livro eletrônico] : integrar e construir : ensino médio / [organização Isabella Silva dos Santos, Mariana Fátima Muniz Soares]. -- Aracaju, SE:

CURVO, Luiz Marcio Ambrósio. **Jovens, Tenentes e Rebeldes: A Liderança da Coluna Miguel Costa/Prestes'** 31/07/2005 142 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: biblioteca central da UNB.

DANTAS, José Ibarê da Costa. **A República De Sergipe (1889-2000)**; Laranjeiras- RJ: tempo brasileiro; 2004

DANTAS, José Ibarê da Costa. **O Tenentismo Em Sergipe: Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930.** (Aracaju 2022)

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

FERREIRA, Milani Fernando. in: SOUZA, Uinys Alves de. : **A Tipologia da Consciência em Rusen**; Revista Latino-Americana; vol. 2; nº 6 – agosto de 2013 – Edição especial.

FERRO, Flávia Salles. **Um Liberal Autoritário: Trajetória Política De Eduardo Gomes (1922-1981)** ' 14/10/2020 undefined f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Selva Guimarães. **História Oral e Fontes orais: Uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História.** História Oral (RJ), v 9, 2006.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da primeira República.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GEERTZ, Clifort; **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro 2013.

GERBER, Eduardo. **Anita Leocádia Prestes e a historiografia brasileira dos anos 1980: entre a história e memória.** Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira. Área de concentração: Poder e Linguagens, Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Social.

HOBBSAWM, Eric John. **A Era Do Capital**; 13^a Ed. Paz e Terra; SP. 2007.

HOBBSAWN, Eric, John. **A Era das Revoluções.** São Paulo: Paz E Terra, 1982.

HOBBSAWM, Eric John. **Sobre História**; São Paulo; Ed. Companhia das Letras; 1998.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes (Marchas e Combates)**; 3^a ed., São Paulo: Alfa ômega, 1979.

MACAULAY, Neill. **A Coluna Prestes: (revolução)**; 2ª ed., Rio de Janeiro – São Paulo: DIFEL; 1977.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MARX, Karl. **O 18 Brumário De Luís Bonaparte**; São Paulo; Ed. Martin Claret; 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**; Editora Martin Claret, São Paulo, 2001.

MAYNARD, Andreza S. C. **A Caserna em Polvorosa: A Revolta de 1924 em Sergipe**. Aracaju, Ed. Do Autor, 2009.

MAYNARD, Andreza S. C. **As Mulheres Sergipanas e a Revolta de 2024**, Boletim historiar, Grupo Estudos do Tempo Presente, UFS. São Cristóvão 2019

MOLINA, Matias M.. **História dos Jornais no Brasil: da Era colonial a Regência** 1ª ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

MOLINARI FILHO, Germano. **Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo n' O Estado de São Paulo (1930-1937)**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, 1992.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

NOVAIS, Fernando & SILVA, Forastieri, Rogério da. **Nova História em Perspectiva**, Cosacnaify, São Paulo 2011. (13. **Controlando a Evidência: o juiz e o historiador**)

OLIVA, Terezinha Alves de. **Manoel Bomfim: Um Intérprete do Brasil**, Aracaju, Seduc, 2022.

PRADO, Júnior Caio. **Formação Do Brasil Contemporâneo**; 21ª Ed. São Paulo, 1989.

PRESTES, Leocádia Anita. **Luiz Carlos Prestes: “O combate por um partido revolucionário 1958 – 1990”**, Ed. Expressão Popular; São Paulo 2012.

PRESTES, Jefferson Jorge Siqueira. **O TENENTISMO NO BANCO DOS RÉUS: Julgamento Processual Dos Sediciosos do 10º RCI De Bela Vista e Pedido De Habeas Corpus de Emídio Da Costa Miranda (1924-1927)**' 05/12/2022 158 f. Doutorado em HISTÓRIA

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

PRESTES, Jefferson Jorge Siqueira. **Utopia Revolucionária: Repercussões em Mato grosso** da Rebelião Tenentista em São Paulo (1924-1927).' 31/08/2009 130 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFMT

RUSEN, J. El libro de texto ideal: reflexiones entorno a los médios para guiar las clases de historia. In: Revista nuevas fronteras de La historia, Íber, n. 12, año IV, abril 1997b. Barcelona: Graó. p. 82.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica; Teoria da História; Fundamentos da Ciência histórica** / tradução de Estevão de Rezende Martins – Brasília; editora Universidade de Brasília; 2001; 194 p.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As Febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios;** Aracaju SE, Ed. O Autor; 2001

SANTOS, Amanda Marques dos. Igreja, Por MACAULAY, Neill; **A Coluna Prestes:** (revolução); 2ª ed., Rio de Janeiro – São Paulo: DIFEL; 1977.

SANTA ROSA, Virgínio. **O Sentido do Tenentismo;** São Paulo; Ed. Alfa Ômega, 3ª edição; 1976.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e a Sociedade Civil: Cultura e Educação Para a Democracia;** Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, José Calazans Brandão da. **Aracaju e Outros Temas Sergipanos,** FUNDESC, Aracaju, 1992.

SILVA, Rocha, Helissandro da. **Travessias pelos sertões do Nordeste: uma guerra chamada** cangaço entrementes a Coluna Prestes (1920-1928); 2022.

SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934).** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SOTERO, Anita Rocha Paixão. **Lydio Paixão – da Revolta Tenentista de 1924 ao suicídio de Vargas**. 2 ed. Aracaju, J. Andrade, 2018.

VELLOSO, A **Ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica**. *Ciência Política*, v. 21, nº. 3, jul. /set, 1978. p. 118.

VIANNA, Marly. **Os revolucionários de 1935: sonho e realidade**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

WEBER, MAX. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo** (tradução de José Marcos Moriani de Macedo): São Paulo, Companhia das Letras, 2004.